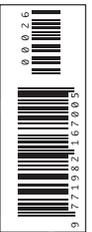


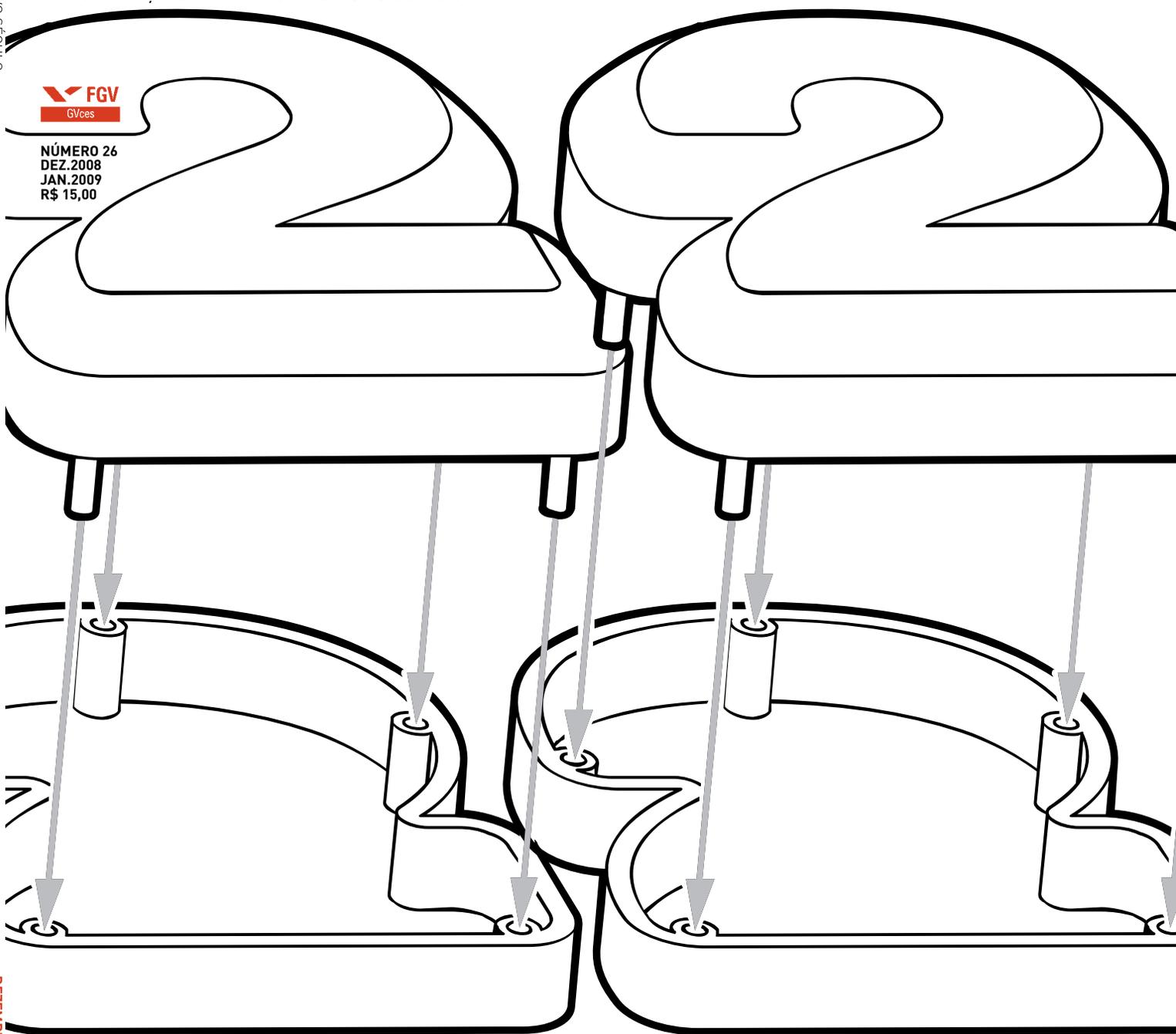
PÁGINA



INFORMAÇÃO PARA O NOVO SÉCULO



NÚMERO 26
DEZ. 2008
JAN. 2009
R\$ 15,00



Design

Conheça casos, experiências e opiniões que inspiram o redesenho da sociedade

NOVEMBRO

Segunda-Feira
03

O OBJETIVO DA DENISE
ERA INVESTIR
PARA SER DONA DO PRÓPRIO NEGÓCIO
QUANDO SE APOSENTASSE

Terça-Feira
04

Quarta-Feira
05



Denise, Cliente Real,
investiu em Previdência.

Quinta-Feira
06

Sexta-Feira
07

Faça como a Denise: investindo a partir de **50 reais** por mês, você pode ter um plano de previdência privada e fazer só o que quiser depois de se aposentar. E ainda pode deduzir até 12% da base de cálculo do Imposto de Renda. Com o **RealPrev PGBL**, você ganha duas vezes: ganha mais tranquilidade no futuro e ganha abatimento no IR.

Sábado
08

Saiba mais em: www.bancoreal.com.br/investimentos

OUTUBRO

Segunda-Feira
20

COM A AJUDA
DO REALPREV,
O OBJETIVO DELA
SE REALIZOU

Terça-Feira
21

Quarta-Feira
22



Quinta-Feira
23

Sexta-Feira
24

O Banco Real acredita que, se você investe certo e com a orientação certa, o retorno sempre chega. Invista com a gente.

Reinvente
Vem com a gente.

O banco da sua vida



Sábado
25

Aquele abraço

A vida é feita de surpresas, esteja preparado para elas e abrace a mudança. É o que ensina, em poucas palavras, a Teoria da Resiliência, fundada sobre o alicerce de pesquisas ecológicas desenvolvidas ao longo de décadas pelo canadense Buzz Holling. De fato, o que não falta hoje são mudanças ao nosso redor, dos ecossistemas que reagem às alterações naturais e à presença do homem, passando pelas organizações sociais, até a governança global.

Os sintomas das mudanças são cada vez mais agudos e, como nas trágicas enchentes em Santa Catarina, convocam as pessoas a participar. Não resistindo, pois isso seria um convite ao desastre, mas reinventando, adaptando-se à mudança para torná-la a nosso favor. A chave, diz Holling, não é o equilíbrio, mas a flutuação.

Por baixo do manto da crise há uma miríade de experiências que nascem e se desenvolvem sob a égide da transformação, com a missão de redesenhar, de destruir para recriar um futuro comum. Esta edição de PÁGINA 22 apresenta algumas delas, assim como vozes de atores que acompanham e fazem parte deste momento de flutuações, para que inspirem o maior número possível de pessoas a abraçar a mudança.

Trata-se também de um convite para que leitores e apoiadores da revista ajudem a transformá-la em um veículo ainda mais eficiente na comunicação das mudanças que precisam vir. PÁGINA 22 terá cara nova a partir da próxima edição, que estará na praça em fevereiro de 2009, e você pode ajudar a desenhá-la: escreva para redacao@pagina22.com.br e diga como gostaria que a revista fosse, e o que tem vontade de ver e ler neste espaço.

Holling sugeriu recentemente que enxerguemos as flutuações não como “demônios vindos do desconhecido, mas chances para aprender a transformar crise em oportunidade”. O primeiro passo para isso talvez seja imaginar como podemos ajudar a redesenhar o mundo.

Boa leitura

PÁGINA 22
 ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS DE SÃO PAULO DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
 DIRETORA Maria Tereza Leme Fleury

FGV
 GVces
 Centro de Estudos em Sustentabilidade da EAESP

COORDENADOR Mario Monzoni
 COORDENADORA-ADJUNTA Rachel Biderman

EDITORAS FUNDADORAS Amália Safatle e Flavia Pardini
 REPÓRTER Carolina Derivi
 EDIÇÃO DE ARTE Marco Cançado, Dora Dias (Banana Biônica Design)
 EDITOR DE FOTOGRAFIA Bruno Bernardi
 ILUSTRAÇÃO Janaina Tokitaka
 REVISÃO José Genulino Moura Ribeiro
 COORDENADORA DE PRODUÇÃO Bel Brunharo
 RELAÇÕES PÚBLICAS Jaqueline Santiago

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO Edson Luciano, Fernando Peres, Maristela Bernardo, Regina Scharf, Ricardo Barretto
 ENSAIO FOTOGRÁFICO Paula Cinquetti

JORNALISTA RESPONSÁVEL Amália Safatle (MTb 22.790)
 MARKETING E PUBLICIDADE SÃO PAULO: Bernardo Leschziner (11) 8926-1415 e Monica Carboni (11) 8104-1632
 RIO: Ricardo Luttigardes (21) 2204-2311
 BRASÍLIA: Charles Marar Filho (61) 3321-0305
 MINAS GERAIS: Alvaro Rocha e Rosina Bernardes (31) 3261-3854
 SUL: Leoni Zaveruska (51) 3245-1807
 NORTE/NE: Luciano Moura (81) 3466-1308

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Alameda Itu, 513 - CEP 01421-000 - São Paulo - SP
 (11) 3284-0754 / redacao@pagina22.com.br

REPARTES CORPORATIVOS (11) 3284-0754 - www.pagina22.com.br
contato@pagina22.com.br

IMPRESSÃO Posigraf
 DISTRIBUIÇÃO Door to Door Logística e Distribuição
 NÚMEROS AVULSOS (11) 3284-0754

CONSELHO EDITORIAL Aron Belinky, Gladis Ribeiro, José Carlos Barbieri, José Eli da Veiga, Mario Monzoni, Pedro Roberto Jacobi, Ricardo Guimarães, Roberto Waack, Tarcila Reis Ursini
 CONSELHO CONSULTIVO GVCS Fabio Feldmann, Heloisa Bedicks, Luiz Maia, Paulo Vanca, Ricardo Young, Sergio Esteves, Tamas Makray

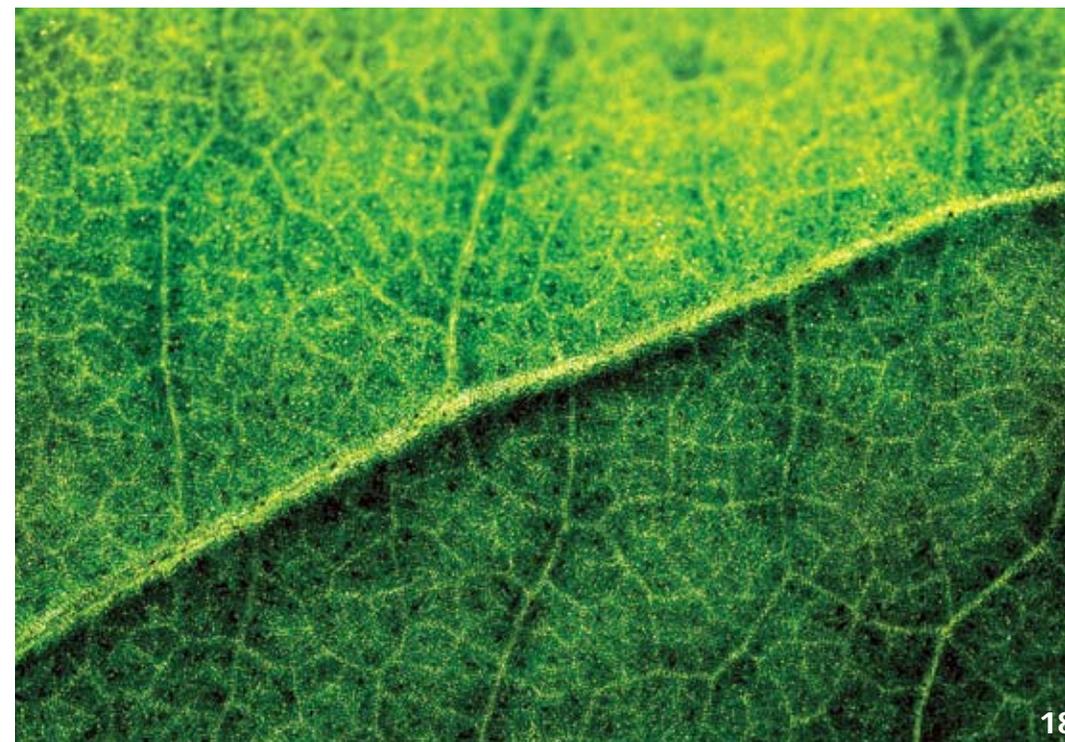
Os artigos, ensaios, análises e reportagens assinadas expressam a opinião de seus autores, não representando, necessariamente, o ponto de vista das organizações parceiras e do GVces. É necessária a autorização dos editores, por escrito, para reprodução do todo ou parte do conteúdo desta publicação.

TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 10.000 exemplares

FSC Fontes Mistas
 Grupo de produtos proveniente de florestas bem manejadas e fontes controladas
www.fsc.org Cert no. SW-COC-002641
 © 1996 Forest Stewardship Council

A REVISTA PÁGINA 22 FOI IMPRESSA EM PAPEL CERTIFICADO, PROVENIENTE DE REFLORESTAMENTOS CERTIFICADOS PELO FSC DE ACORDO COM RIGOROSOS PADRÕES SOCIAIS E AMBIENTAIS

CAPA: TOM BRAZ



- 06 Notas
- 26 Entrevista
- 34 Entrevista
- 46 Entrevista
- 54 Análise
- 58 Retrato
- 64 Coluna
- 66 Última

- 10 **Design**
Com objetivos comuns, novas formas de se organizar e uma recombinação de tramas, a sociedade se redesenha
- 18 **Estratégia**
A natureza pode inspirar as soluções para os desafios que a humanidade enfrenta, ensina a biomimética
- 22 **Tecnologia**
A web 2.0 descentraliza as conexões na internet e ajuda a construir uma inteligência coletiva

- 30 **Cultura**
Os saraus inovam ao derrubar a distinção entre palco e platéia
- 38 **Novas fórmulas**
A Apreciação Investigativa coloca o indivíduo como parte intrínseca da mudança na sociedade
- 42 **Arte**
O Ilha busca na dança novas possibilidades para as artes cênicas
- 50 **Territórios**
Florestas e cidades crescem juntas na proposta de uma tecnofloresta

[EMPRESAS I]

Em busca da credibilidade

As empresas brasileiras estão vivendo um *boom* de relatórios de sustentabilidade. Tanto é assim que a consultoria SustainAbility, que há décadas pesquisa a qualidade dos relatórios no mundo, decidiu realizar pela primeira vez um levantamento específico no Brasil. Os resultados demonstram que o empresariado brasileiro ainda tem muito o que aprender sobre o assunto e como comunicá-lo.

O trabalho *Rumo à Credibilidade: Uma pesquisa de relatórios de sustentabilidade*

no Brasil, realizado em parceria com a Fundação Brasileira para Desenvolvimento Sustentável (FBDS), mapeou 76 empresas brasileiras que produzem relatórios e selecionou dez como destaques em qualidade. A diferença entre as líderes e as demais é a compreensão mais elementar: a sustentabilidade não pode ser vista como departamento em separado, mas incorporada à estratégia de negócios e intrínseca a todos os níveis de gestão.

“Não adianta uma montadora ter ações sociais no seu relatório, mas

não tratar de mobilidade e emissão de gases de efeito estufa, que são questões próprias do seu negócio”, exemplifica Clarissa Lins, diretora-executiva da FBDS. “As líderes já conseguem entender a importância de tratar das questões materiais, mas no grande panorama isso ainda não é incorporado.” As empresas selecionadas são: Ampla, Banco Itaú, Banco Real, Bunge, Coelce, Energias do Brasil, Irani Celulose, Natura, Sabesp e Suzano Petroquímica. – **por Carolina Derivi**

[EMPRESAS II]

O caminho das pedras

Há muitos outros elementos que compõem um bom relatório de sustentabilidade. Clarissa Lins, da FBDS, dá a receita: metas claras, uso de indicadores com metodologia reconhecida, exposição de resultados compatíveis com os compromissos da alta administração – não apenas no âmbito da empresa, mas de toda cadeia produtiva –, e transparência, o que inclui admitir as dificuldades.

“É preciso reconhecer que o mundo não é rosa, que tem desafios, que o contexto no qual a empresa opera traz dilemas. Isso é que dá transparência à comunicação”, diz Clarissa. Outro quesito indispensável para a transparência é a verificação externa do desempenho da empresa, o que não necessariamente demanda um auditor independente. “Se a empresa trabalha com uma comunidade, por exemplo, por que não convidar os investidores a fazer o mesmo?”

Por fim, a especialista destaca que as melhores experiências internacionais em comunicação da sustentabilidade não se restringem a um único modelo. “O futuro dos relatórios aponta para um conjunto diverso de formas de comunicação com públicos específicos. É possível



ter uma peça para um investidor e outra para o consumidor”. A defasagem, em termos de comunicação, é um dos motivos que faz com que as empresas nacionais estejam “de três a quatro anos atrás das melhores referências internacionais”, aponta a pesquisa. (CD)



[AMAZÔNIA]

Madeira de lei

Para conter o mercado de madeira ilegal proveniente da Amazônia, o Greenpeace já convenceu 38 administrações públicas a assumir o compromisso de supervisionar as compras e introduzir o critério da legalidade ambiental em licitações.

Estima-se que os governos consumam um terço de toda a madeira amazônica em circulação no País. Mas, para tratar dos demais dois terços, é preciso ir além.

Em 2009, os programas Cidade Amiga da Amazônia e Estado Amigo da Amazônia serão incorporados pelo projeto Rede Amigos da Amazônia, uma parceria entre o Greenpeace, o GVces e o Centro de Estudos em Administração Pública e Governo (Ceapg).

A principal novidade é que o projeto passará a atender também empresas,

especialmente do ramo de construção e moveleiras, capacitando-as para identificar e controlar a origem de seus insumos. Estão programados três grandes *workshops* ao longo do ano, que reunirão representantes de empresas e governos. Além disso, será desenvolvido um banco de dados compartilhado, de forma que os participantes possam manter uma rede autônoma.

As três entidades ainda estudam a melhor maneira de atender também às demandas de pessoas físicas, interessadas em aprender a comprar madeira legal. Por ora, Carolina Miranda, da rede, aponta os dois passos fundamentais: checar se o estabelecimento tem alvará de funcionamento e solicitar o Documento de Origem Florestal (DOF) da mercadoria. Cada DOF tem um código de controle e no site do Ibama é possível checar se o número corresponde a um documento válido (http://servicos.ibama.gov.br/ctf/modulos/dof/consulta_dof.php). (CD)

[CLIMA]

Metas já

Após divulgar um manifesto de reprovação ao Plano Nacional de Mudanças Climáticas formulado pelo governo, o Observatório do Clima (OC), coletivo de organizações da sociedade civil, propõe um novo texto para projeto de lei da Política Nacional de Mudanças Climáticas, que tramita no Congresso.

Para os membros do OC, o projeto sob análise dos parlamentares é genérico demais. “O texto do governo tem duas páginas. O nosso tem 40. A principal diferença é o caráter instrumental. A gente dialogou com cada setor da economia, buscando estratégias para superar os problemas de cada setor”, diz Rachel Biderman, do Centro de Estudos em Sustentabilidade (GVces) da Fundação Getúlio Vargas, facilitadora do movimento. Outro diferencial é a obrigatoriedade de metas de redução de emissões. O texto do OC propõe um prazo de dois anos para que sejam acordadas as metas específicas em cada setor.

O documento *Contribuições da Sociedade Civil para a Construção da Política Nacional de Mudanças Climáticas* é resultado de consultas públicas realizadas em São Paulo, Curitiba e Rio de Janeiro, e também por meio da internet. Segundo Rachel, o deputado Rodrigo Rocha Loures (PMDB-PR), relator do PL da Política de Clima, prometeu incorporar as sugestões em seu relatório, que deverá ser apresentado até o final do ano. (CD)



[MOBILIZAÇÃO I]

Sorria... e multiplique!

O primeiro milhão a gente nunca esquece. Que o diga a revista *Sorria*, uma publicação bimestral vendida nas farmácias da rede Droga Raia, cuja renda é totalmente destinada ao Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer (Graac). Lançada em março, com patrocínio dos laboratórios Biolab e União Química, a revista previa arrecadar R\$ 1,5 milhão em um ano, mas, com apenas quatro edições, bateu a marca do R\$ 1 milhão.

Produzida pela Editora Mol, o conteúdo da *Sorria* é dedicado à felicidade, histórias de vida e prazeres cotidianos, e seu modelo de negócios é destinado a multiplicar: de cada R\$ 1,00 de patrocínio recebido dos parceiros corporativos, a revista gera R\$ 1,92 em doação ao Graac. A entidade vai usar os recursos na construção de um hospital. – por Flavia Pardini



[MOBILIZAÇÃO II]

Doar pode ser mais que dar

O efeito multiplicador buscado pela revista *Sorria* está ao alcance de todos, especialmente nas festas de fim de ano, quando as relações de amor e amizade são reforçadas com presentes. Há opções para quem quer ver esses sentimentos direcionados não só às pessoas queridas, mas também ao mundo. E, de quebra, evitar presentear com mais um objeto que vai acabar afundado em uma estante.

Uma “assinatura” de um serviço de entregas a domicílio de alimentos orgânicos – o site Planeta Orgânico traz uma lista de fornecedores em todo o Brasil (<http://www.planetaorganico.com.br/qvbras.htm>) – dá saúde ao presenteado e multiplica-se em renda para os agricultores da região.

Outra opção é dar um pedacinho de floresta para alguém que se preocupa com a questão ambiental. No Instituto Uiraçu, por exemplo, é possível “adotar” um hectare de Mata Atlântica, ao contribuir para um fundo de conservação da Serra Bonita, um dos últimos fragmentos remanescentes de Mata Atlântica de altitude no Sul da Bahia. O Uiraçu é uma ONG que administra um complexo de Reservas Particulares do Patrimônio Natural na região (<http://www.serrabonita.org.br/contribuir.html>).

Para um presente na forma de doações a organizações ou projetos sociais, um primeiro passo pode ser doar um pouco de tempo para decidir qual delas vai receber. O pontapé pode ser uma busca na internet, onde a Wikipédia, a enciclopédia colaborativa, também aceita doações (<http://wikimediafoundation.org/wiki/Donate/WaysToGive/pt>). (FP)

[BIOCOMBUSTÍVEL]

Risco e oportunidade

O Cerrado, não a Amazônia, é o bioma brasileiro mais ameaçado pela expansão agrícola dos biocombustíveis, considera o diretor de Estratégias de Conservação da América do Sul da ONG The Nature Conservancy (TNC), David Cleary. Mas a boa notícia é que a saída para produzir sem desmatar está no próprio agronegócio e na maneira como se estabeleceu no Cerrado.

A pecuária intensiva é uma das principais alternativas para evitar o desmatamento de novas áreas, segundo o estudo *Uma Oportunidade para o Brasil: Minimizando os custos ambientais da expansão dos biocombustíveis*, da TNC em parceria com a consultoria britânica LMC International, especialista em *commodities* agrícolas. O Centro-Oeste é a região de menor densidade de rebanhos bovinos, e poderia acomodar uma repaginação agropecuária.

“Fazendo a pecuária intensiva, há condições de liberar 13 milhões de hectares de pastos plantados no Cerrado, o que seria suficiente para cobrir as necessidades de cultivo de biocombustíveis no Brasil pelos próximos cinco anos, para consumo interno e exportação”, diz Cleary.



O estudo aponta que o mundo precisará plantar entre 12 milhões e 54 milhões de hectares de culturas para biocombustíveis até 2014, dependendo do cenário de crescimento econômico utilizado. O Brasil seria o único país com “área já desmatada suficiente” para acomodar essa expansão, “sob quaisquer dos cenários econômicos com maior probabilidade de prevalência até 2014”.

Cleary diz que o movimento de intensificação da pecuária já vem acontecendo, com produtores motivados por um retorno financeiro maior, mas considera que a atividade carece de mais incentivos: “O governo poderia estimular isso abrindo uma linha de crédito específica para essa atividade. As políticas de zoneamento econômico ecológico também podem ajudar, fechando as áreas de alto valor para a biodiversidade”. (CD)



Frans Post - Povoador numa Planície Arborizada, séc. XVII
Óleo sobre madeira - 45 x 75 cm
Acervo Banco Itaú S.A.
Reprodução fotográfica: João L. Musa / Itaú Cultural

Desde 1987
preservando a
memória da arte e
cultura brasileira.

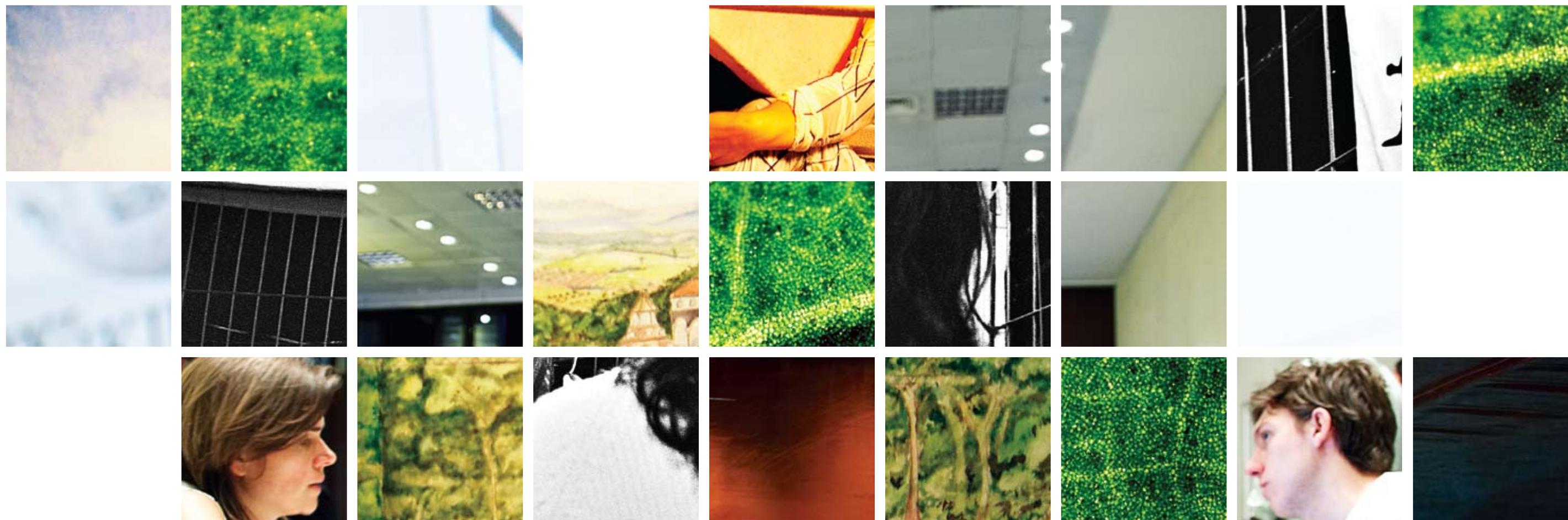
saiba mais:

itaucultural.org.br



Itaú
cultural

Avenida Paulista, 1490 - São Paulo - SP
Terça a sexta das 10 às 21 horas
Sábado, domingo e feriado das 10 às 19 horas
Entrada franca



| POR **Amália Safatle** FOTOS **Bruno Bernardi**

Todos fora do quadrado

É de um caldo único que a sociedade vai conseguir criar novas formas de se organizar, com base em uma recombinação de tramas, em busca de objetivos comuns

Em *Poemas Rupestres*, Manoel de Barros escreve sobre o menino-manoel, que, por viver muitos anos dentro do mato, pegou um olhar de pássaro. *Por forma que enxergava as coisas todas por igual, inominadas. / Água ainda não era a palavra água. / Pedra não era ainda a palavra pedra. / As palavras eram livres de gramática e podiam ficar em qualquer posição. / Por forma que o menino podia inaugurar. / Podia dar às pedras costumes de flor. Podia dar ao canto formato de sol.* E assim redesenhar.

Que outra vida é essa que os meninos podem inaugurar? Em um poema mais adiante, Manoel pergunta: *E agora / que fazer / com esta manhã desabrochada a pássaros?* Sim, porque as possibilidades são do tamanho das manhãs. É como se o mundo abrisse janelas para a humanidade sair da enrascada em que meteu a todos.

A noção de *design*, que sempre foi muito tecnológica e orientada para os negócios, pode trazer soluções amplas, a começar das questões sociais

Pedras, águas, flores são as primeiras a dar as pistas. Pergunte à natureza o que ela faria e terá as respostas. Por exemplo, produzir cimento valendo-se da tecnologia dos corais, desenvolvida e aperfeiçoada em bilhões de anos, sem poluição ou resíduos, sem impactos, sem patentes – um conhecimento livre e comum a todos (reportagem à pág. 18).

Na palavra “comum” está mais uma senha para resolver problemas complexos. Natureza é o significado de comum levado às últimas consequências, uma vez que existe para todos e por todos. Compartilhar conhecimentos, criar e fortalecer relacionamentos em comunidades, cooperar – ou operar em rede – é o que a natureza não só faria, como faz. E é o que permeia boa parte dos casos apresentados e das vozes ouvidas nesta edição, que apontam formas e visões para a sociedade se reorganizar, alterar traços de seu desenho e se re-projetar diante de uma realidade pontuada por graves crises ambientais, sociais e econômicas.

Com isso, amplia-se o sentido de *design*. “Essa noção, que sempre foi muito tecnológica e *business oriented* (voltada para os negócios), também pode trazer soluções para temas como mobilidade, habitação,

educação, saúde”, diz Carla Cipolla, pesquisadora do Desis, um grupo da Universidade Federal do Rio de Janeiro que estuda o *design* de serviços e a inovação social em conjunto com a escola Politecnico de Milão – representada pelo especialista Ezio Manzini, orientador de Carla. “Enquanto o *design* de produtos dialoga apenas com o engenheiro, o de serviços interage com cientistas sociais, filósofos, psicólogos”, explica.

Mas o *design* pode ir ainda além do campo social. Envolver economistas, artistas, educadores, governantes, estudantes, blogueiros, ambientalistas, entre tantos outros. Para resolver problemas complexos, é hora de todos saírem de seus quadrados e se recombinarem em novas tramas, tendo em vista objetivos comuns.

Chips e corais

Como objeto de estudo no Brasil, na China e na Índia, Carla tem buscado experiências do que chama de atuação primária, ou seja, organizações que partam espontaneamente das bases, sem assistencialismo ou direcionamentos ditados de cima. Assim como os corais e toda a natureza se auto-organizaram por bilhões de anos e resultam de uma seleção natural dos acertos,

a pesquisadora explica que o fato de se emergir da base significa que o “chip” já foi mil vezes testado na sociedade, e funciona.

A pesquisadora cita um exemplo, em Milão, que partiu da organização das mães imigrantes, ao criar, nas próprias casas, creches para compartilhar o cuidado dos filhos. Isso atende a diversas demandas, a da mãe que trabalha fora e precisa do serviço a preços acessíveis, e a das desempregadas que precisam de um meio de vida. São espaços que podem servir também às mães italianas. Isso com base em um relacionamento de confiança, e sem precisar construir novas creches, o que resultaria em impactos ambientais.

“Em um primeiro nível, a iniciativa é local, depois pode até ser objeto de uma política pública que incentive a prática”, diz Carla.

Trata-se de um tipo de compartilhamento que, no Brasil, é mais freqüente nas classes mais baixas, diz Aguinaldo dos Santos, professor da Universidade Federal do Paraná, ao dar como exemplo o uso comum de máquinas de costura, de bicicletas, de máquinas de lavar roupa. Ainda que seja inicialmente uma resposta às privações, estreita laços comunitários, no mesmo espírito de “doação” que se tem, por exemplo, nos mutirões das favelas, citados por Claudio Prado, presidente do Laboratório Brasileiro de Cultura Digital, em entrevista à página 26.

Já nas classes mais abonadas ou países ricos, o compartilhamento tem se movido pela preocupação em reduzir o consumo de recursos naturais e energéticos do planeta. O que, segundo Santos, começa a criar novos mercados, como condomínios verticais ou

O projeto em que cidades crescem em equilíbrio com as florestas tem algo a dizer à tragédia em Santa Catarina

horizontais com apelo de vendas justamente no uso conjunto de escritórios de trabalho, de lavanderia, de bicicletas. Isso modifica profundamente a natureza do que é vendido: não mais produtos, e sim serviços, ou suas funções finais – o que tem inclusive a capacidade de gerar mais empregos, observa.

Então, em vez de se tornar proprietário de um carro, compra-se transporte por meio do *car-sharing*, em que veículos disponíveis em diversos pontos da cidade podem ser usados ao longo do dia por um grande número de pessoas. Na Holanda, em vez de adquirir um *laptop*, é possível comprar o “uso” dele, um serviço vendido juntamente com o software, o treinamento para usá-lo e as atualizações. E assim por diante, em uma desmaterialização inteligente da economia.

A Embrart é a maior empresa do setor de embalagens do Paraná, mas deixou de oferecer esse produto: vende o serviço de proteção de conteúdo. “Com essa mudança, a empresa automaticamente passa a ter interesse em aumentar o ciclo de vida da embalagem e em reciclá-la, alterando a lógica de consumo”, diz Santos.

São exemplos que o professor enquadra em um terceiro nível evolutivo do *design*. O primeiro, com o qual inicialmente começou a trabalhar na UFPR, é o da reciclagem, que atua sobre os sintomas, e não a causa de problemas socioambientais. Nesse estágio, há uma intervenção sobre algo já existente, de modo a reduzir os impactos ao final do ciclo de vida. O segundo nível corresponde ao *ecodesign*, são produtos já concebidos de forma mais “resolvida”, para causar menos impacto, da origem ao descarte.





Nos encontros do Global Forum, a “conversação” mundial por uma sociedade mais sustentável começa em duplas, olho no olho

O nível mais evoluído de *design* é a revisão de valores, diz estudioso. “É fazer pão com meu filho no fogão a lenha, em vez de comprar comida congelada”

Já o quarto nível, que vai além da idéia de serviços e de desmaterialização da economia, trata-se da revisão do estilo de vida e de valores, de busca de felicidade e bem-estar. É criar outros laços e espaços de convivência, por exemplo, cozinhando com os amigos em casa em vez de ir a uma rede de *fast-food*. “É fazer pão com o meu filho no fogão a lenha, em vez de comprar comida congelada”, diz Santos.

Ou seja, puro relacionamento.

Compartilhamento 2.0

No mundo natural, relacionamento significa que todo o sistema participa, formando um caldo único. Começa entre pares, que se ligam a outros, e então se formam comunidades, grupos, cadeias, ecossistemas. A reportagem à página 22 mostra como a tecnologia *peer to peer* cria uma propícia plataforma para isso, à medida que horizontaliza o processamento e a distribuição de dados, e possibilita a cooperação livre entre os participantes, de modo a satisfazer aspirações em comum.

Também começa em duplas a grande “conversação” mundial promovida pelos encontros do Global Forum, em que pessoas de diversas regiões, idades e áreas de conhecimento compartilham idéias, experiências de vidas, visões e traçam ações na direção de uma sociedade mais sustentável (reportagem à pág. 38). Esses encontros se valem da construção coletiva de um futuro que a maioria quer criar.

Que podem ser projetados no círculo de uma comunidade, de uma empresa, de uma organização, de uma cidade. A reportagem à página 50 mostra um futuro em que cidades crescem junto com florestas, em equilíbrio. Depois da tragédia ambiental que desabou

sobre Santa Catarina, as autoridades falam em repensar a ocupação do solo, o plano diretor, os próprios municípios. Por que o redesenho não foi proposto antes de tantas mortes, e construído coletivamente, entre moradores e autoridades?

É nessas construções coletivas que o *eu* se transforma em *nós* – quem sabe o mesmo *nós* do poderoso *Yes, we can* (leia sobre as eleições americanas às págs. 58 e 64). Também são situações em que todos podem exercer seu protagonismo.

Poucas organizações desenvolveram a noção de protagonismo pessoal como o Museu da Pessoa. O nome já denuncia, e o sobrenome reforça: Rede Internacional de Histórias de Vida. Parte do princípio de que todo ser humano, anônimo ou célebre, tem o direito de eternizar sua história e integrá-la à memória social.

Quando nasceu, em 1991, não havia internet, mas já existia a aspiração de usar plataformas digitais, e então a entidade registrava as histórias das pessoas em

Em movimento inverso ao da privatização do espaço público, os saraus podem nascer na casa de um artista e ganhar as ruas



Reflexo das angústias atuais e projeção do que se anseia, a arte entende que a idéia de hierarquia não cabe mais



Quando todo mundo vira gerador de conteúdo, o que é potencializado pela web, mediações são importantes para evitar a fragmentação do saber

CD-ROM. “O museu conceitualmente nasceu 2.0, com o espírito de que a história de um inspira a do outro”, diz a fundadora, Karen Worcman.

Karen mal podia imaginar que anos depois a tecnologia permitiria a criação e propagação de histórias de vida, de forma totalmente interativa, por meio dos blogs. “A proposta do museu, quando o criamos, acabou acontecendo”, diz. E fora dele. Por isso, todo o desenvolvimento da internet tem levado a entidade, diz ela, a uma discussão interna sobre seu sentido e seu papel.

Tudo e nada

Uma conclusão, diz Karen, é que cabe ao museu agora exercer papéis de mediação e curadoria. “O democrático e o colaborativo proporcionados pelo 2.0 não necessariamente são interessantes”, pondera Karen. A seu ver, quando todo mundo passa a ser gerador de conteúdo, somente mediações permitem criar uma narrativa a partir das histórias, em contraponto à fragmentação do saber e do conhecimento. “Isso porque tudo e nada são praticamente a mesma coisa.”

Como diz o historiador Nicolau Sevcenko, em entrevista à página 46, as tecnologias não são ruins ou boas, o que importa é o uso que se faz delas. A princípio, a *world wide web*, como espaço imaterial, proporciona a todos direitos iguais de ocupação, como enfatiza Prado, do Laboratório Brasileiro de Cultura Digital, o que subverte valores da sociedade de consumo.

Mas isso até que outras forças entrem em cena, ressalva o historiador: “Embora constitua ferramenta da maior importância para uma democracia expandida, a internet é afetada pela publicidade, com uma agressividade nunca vista antes”. Quem tem maior

poder econômico acaba comprando maior visibilidade e acesso. De qualquer forma, a internet traz nas bases um conceito transformador, ao permitir, de um jeito simples, a livre expressão de qualquer pessoa, de qualquer parte.

Esse mesmo espírito habita as rodas dos saraus literários e artísticos realizados em cidades como São Paulo (reportagem à pág. 30). São eventos culturais que brotam sem projeto, edital ou Lei Rouanet. Podem nascer no apartamento de um artista e ganhar as ruas, em movimento contrário ao da crescente privatização do espaço público – fenômeno que tem corrompido a própria idéia de democracia, como diz Sevcenko.

Somente em espaços comuns e abertos para as manifestações a arte pode propor redesenhos e transformações na sociedade, por meio da representação e da interação popular. Na política, o redesenho também implica combater a estrutura piramidal, diz a vereadora (com mandato até 31 de dezembro) Soninha Francine, em entrevista à página 34. Ela, que concorreu pelo PPS à prefeitura de São Paulo nas últimas eleições, visualiza novas formas de organização política, em sintonia com os movimentos sociais, que caminham em direção às causas nas quais acreditam, em vez de se moverem apenas na busca da vitória sobre o adversário.

Essa idéia de cooperação, em vez da de competição, está até nos rades da dança contemporânea (ensaio à pág. 42). Ao mesmo tempo reflexo das angústias atuais e projeção daquilo que se anseia, a arte entende que as hierarquias não cabem mais. É desnecessário, por exemplo, que as artes plásticas imponham-se sobre a dança ou vice-versa. O que surgirá desse redesenho é uma incógnita, o importante é que o público seja instigado. Instigado para inaugurar.

P22

Envie seus melhores desejos de um Feliz Natal para seus parceiros de negócios. E melhores ainda para quem você nem conhece.



Conheça os produtos e faça seus pedidos acessando www.lojaunicef.org.br ou ligue para (11) 3728-5700 ou (21) 3147-5700 em horário comercial.





| POR **Flavia Pardini**

O que a natureza faria?

Experts em manter-se dentro dos limites impostos pelo planeta, os seres vivos e seus ecossistemas podem inspirar o *design* humano, da produção de energia a soluções para um mundo sem água. Para conectar quem busca respostas, o Instituto de Biomimética acaba de lançar o site AskNature.org

O gênio da natureza decorre de 3,8 bilhões de anos de experiências, disponíveis para o homem

Para fazer cimento, os homens mineram, moem e queimam o calcário e, como subproduto, emitem toneladas de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera – o setor é responsável por cerca das 6% das emissões globais. Na natureza, um material tão duro e resistente quanto o cimento é formado pelos corais, que retiram CO₂ da atmosfera e o misturam com substâncias presentes na água do mar para formar conchas e recifes. Se o desafio atual para os homens é continuar a produzir cimento, mas evitar a emissão de gases de efeito estufa, vale prestar atenção na fábrica de cimento da natureza.

“Há uma empresa, chamada Calera, que está fazendo cimento como o coral, e espera cortar as emissões pela metade”, informa a americana Janine Benyus. Considerada a mãe da biomimética, disciplina que emergiu recentemente para estudar a natureza, seus modelos, sistemas, processos e elementos e inspirar soluções sustentáveis para problemas humanos, Janine diz que seus sonhos estão começando a virar realidade.

Desde 1997, quando lançou o livro *Biomimética – Inovação inspirada pela natureza*, a ideia de que o homem pode aprender a desenhar soluções para sua vida com base no contexto onde ela se desenrola – o planeta Terra – vem ganhando adeptos. O Biomimicry Guild, um de dois institutos criados por Janine, presta consultoria para *players* importantes da economia do *mainstream* como Procter & Gamble, Nike, Kraft, GE. Centenas de laboratórios dedicam-se a pesquisar os processos naturais e o número de patentes declaradamente inspiradas em processos da natureza está em crescimento. “Mas não havia um dos principais elementos para que a biomimética decole”, diz Janine. “O acesso à informação”.

E o sonho de Janine, então, tomou forma no AskNature.org, um site colaborativo cujo objetivo é tornar a biomimética disponível para todos. O caso do cimento é um entre as 738 estratégias inspiradas na natureza que, por enquanto, alimentam o site, lançado oficialmente em 20 de novembro. A ideia é que, a partir de agora, pesquisadores, engenheiros, biólogos, arquitetos, *designers* e outros possam se conectar, trocar informações e produzir colaborativamente. “A informação biológica vai estar nas mãos dos *designers* que fazem nosso mundo”, comemora Janine.

Plantas, baleias e o homem-inventor

Se precisamos redesenhar o mundo criado pelo homem para que ele caiba dentro do mundo natural que lhe dá suporte, uma das melhores fontes de inspiração, defende Janine, é a própria natureza, que com 3,8 bilhões de anos de experiência descobriu o que funciona, o que é apropriado e o que perdura no tempo.

“Nesse tempo, a ‘vida’ aprendeu a voar, a circunavegar o globo, a viver nas profundezas dos oceanos e em cima dos picos mais altos, a produzir materiais miraculosos, a iluminar a noite,

a apreender a energia do sol e a construir um cérebro auto-reflexivo”, escreveu ela em

1997. “Coletivamente, os organismos conseguiram transformar rochas e mar em uma casa, com temperaturas estáveis e ciclos que se sucedem suavemente. Em suma, as coisas viventes fizeram tudo aquilo que queremos fazer, sem se empanturrar de combustíveis fósseis, poluir o planeta ou hipotecar seu futuro. Que modelo melhor poderia haver?”

O que a biomimética propõe é o redesenho da relação do homem-inventor com a natureza, abandonando a mera exploração de recursos naturais para buscar a inspiração. É possível acompanhar o percurso que a “vida” percorreu para chegar aonde está hoje, lembra Janine, pois os fracassos viraram fósseis. O que sobreviveu pode ser usado para tornar a presença humana na Terra mais sustentável.

É o caso de uma planta africana que desenvolveu a habilidade de reviver depois de seca, graças a um açúcar produzido em suas células na época de estiagem, e que inspira o desenvolvimento de vacinas que não precisam de refrigeração e poderiam salvar milhares de vidas em países da América do Sul e da África. Das baleias, cujo sistema circulatório pode apontar soluções para quem depende de marca-passo cardíaco e cujas barbatanas servem de modelo para turbinas eólicas mais eficientes. E do besouro do deserto da Namíbia, que sobrevive porque é capaz de separar água da neblina – habilidade que deve se tornar cada vez mais importante diante da crise mundial da água e das perspectivas de aquecimento global.

Segundo o AskNature.org, uma nova tecnologia para construção de “células solares sensibilizadas por corantes” foi inspirada no processo de fotossíntese da planta havaiana *Kokia cookei* e permite gerar energia solar de forma muito mais barata do que os processos baseados em células de silicóne. Resultado de mais de uma década de pesquisa, a tecnologia provavelmente vai sobreviver à planta, que se encontra quase extinta na natureza.

Para evitar que outros organismos tenham o mesmo destino, o site incentiva os adeptos da biomimética a “agradecer a um gênio”, ou seja, aquele elemento da natureza que os levou a inovar. Por meio do fundo Inovação para a Conservação, gerido pelo Instituto de Biomimética – também fundado por Janine Benyus –, a ideia é canalizar parte dos recursos derivados dos lucros advindos com as inovações para preservar organismos e ecossistemas que as inspiraram.

Se você imagina que as receitas do fundo jamais serão significativas, lembre-se de que alguns elementos de nosso cotidiano – o velcro, que imita as sementes da planta que teimam em grudar em nossas calças durante um passeio no campo; ou o maiô que levou a velocidade dos tubarões para as piscinas de Pequim nas Olimpíadas – vieram da observação do mundo natural.

Disciplina: solução de problemas

Muitas das informações geradas pela observação do mundo natural foram feitas, ao longo de décadas, pelos pesquisadores dedicados às ciências naturais, em particular os biólogos – gente que nas instituições modernas de pesquisa está separada, não só fisicamente, mas às vezes até mesmo intelectualmente, de seus pares das áreas aplicadas, como engenharia, arquitetura, *design*, agronomia, administração. O site AskNature.org, explica Janine, não só disponibiliza a informação, como está organizado por “desafios”, para permitir que as ideias sejam aplicadas e replicadas.

O campo de busca do site pede que o usuário complete a frase “como a natureza...” Se preencher com “...produz cor”, ele encontrará hoje 99 estratégias. Se optar por “...limpa a água”, terá 366 estratégias disponíveis. A expectativa é que esses números aumentem à medida que o site passe a ser usado pela comunidade científica e de profissionais: segundo Janine, pelo menos 1,8 milhão de organismos podem ser objeto de páginas no novo site. “Seremos o Google das soluções naturais”, aposta ela.

Muito além de biblioteca digital, o AskNature.org foi desenhado para funcionar como rede social e conectar biólogos, engenheiros, arquitetos, administradores e quem mais vier. “É um site totalmente *web 2.0*”, diz Janine, referindo-se à nova maneira de usar a internet que permite não só que os usuários baixem informações, mas também que contribuam com a produção de conteúdo (*reportagem à pág. 22*). “As pessoas podem se conectar umas com as outras, enviar conteúdo, classificar com *tags*, *linkar*, comentar”, diz ela. Com isso, Janine espera que o site contribua para acabar com a “falsa separação” entre as disciplinas e permita a conexão entre pessoas que tentam solucionar problemas e para a preservação dos elementos naturais que nos ajudam na empreitada. “É como uma polinização cruzada, pode até mudar a maneira como os biólogos fazem biologia”, arrisca.

Para solucionar desafios tão significativos como os que se apresentam atualmente aos homens, talvez o que a natureza fizesse fosse justamente colocá-los em rede.

P22

| POR **Flavia Pardini**

Pares em rede

A nova forma de usar a internet, conhecida como *web 2.0*, descentraliza as conexões, transforma consumidor em produtor e ajuda a construir inteligência para lidar com desafios comuns

“Wiki”, a palavra do momento, além de dar nome à mais dinâmica enciclopédia da história, quer dizer “rápido”. E rápido é o ritmo das mudanças que vêm ocorrendo nas comunicações, na produção e no consumo de informação: para quem nem bem entrou na era da chamada blogosfera – conjunto dos milhões de blogs e suas conexões –, já soam alertas de que ela morreu, cooptada pela mídia do *mainstream*. A origem da palavra “wiki”, entretanto, dá uma pista do redesenho que blogs e outros elementos da chamada *web 2.0* podem significar.

Corruptela havaiana da palavra “quick”, “wiki” foi emprestada de volta pelo inglês para referir-se à velocidade da rede mundial de computadores. Mas o compartilhamento não está só no nome: wikis são sites colaborativos na *world wide web* que podem ser editados por qualquer pessoa – o mais famoso é a Wikipedia. Wikis, blogs, sites de redes sociais – Orkut, Facebook, por exemplo – e de compartilhamento de vídeo – YouTube – compõem a *web 2.0*, que, ao contrário do que se possa imaginar, não representa uma revolução tecnológica.

A *web 2.0* usa a internet como uma plataforma para criar produtos e serviços que não existiriam fora dela. A diferença entre a Wikipedia e a *Enciclopédia Britânica*, por exemplo, não reside no fato de que a primeira não nasceu sobre papel. A *Enciclopédia Britânica* que se encontra na internet é igual à que circulava em papel no século XX: produzida por poucos para muitos. A Wikipedia jamais poderia ser impressa, pois depende da internet para ser elaborada, por meio de milhares de colaboradores e editores que, juntos, constroem o conhecimento que depois é compartilhado na rede. Os usuários, portanto, são parte do processo de produção.



A tecnologia por trás da *web 2.0* nasceu com a internet: conhecida como *peer-to-peer*, ou P2P, permite a troca de informação e arquivos entre os usuários, sem a intermediação de um servidor centralizado. No modo de ser 1.0 da internet, os sites seguiam uma conexão cliente-servidor, em que o usuário conecta-se a um servidor e este lhe envia informação. Não que a internet não possibilitasse outro modo de operar, pois ela mesma é composta de milhões de servidores interconectados. Um dos marcos na transformação do uso da rede foi o advento, em 1999, do Napster, uma aplicação que, em vez de criar um site de onde se podiam baixar arquivos de música, ligou usuários em rede para que compartilhassem canções. Não à toa, a indústria de discos foi às últimas conseqüências para fechar o serviço.

Em uma rede P2P não há centralização no processamento e na distribuição de dados, e a dinâmica

de relacionamento é a cooperação livre entre os pares, tendo em vista a execução de uma tarefa comum. Qualquer semelhança com a necessidade de compartilhar conhecimento e construir uma inteligência coletiva para enfrentar desafios globais, como a pobreza e as mudanças climáticas, não é mera coincidência.

À esquerda da propriedade

A cultura é a porta de entrada da *web 2.0* no Brasil. “Nosso problema não é a produção (*cultural*), mas a difusão”, diz Oona Castro, coordenadora do Instituto Overmundo, que nasceu do site colaborativo Overmundo (www.overmundo.org).

Ali, qualquer pessoa pode se cadastrar e contribuir com críticas, comentários ou produção cultural. A edição é feita pela comunidade: cada contribuição fica na “fila” por 72 horas para que os pares avaliem e, por 48 horas, está aberta a votação. “Quem decide o que vai ser publicado é a comunidade”, resume Oona. Quanto mais votos uma contribuição recebe, mais chances tem de entrar na *home page*.

Nascido em 2006, o Overmundo conta com 39,6 mil usuários cadastrados, publica contribuições de todo o Brasil – no início, algumas eram estimuladas, mas hoje praticamente todas são voluntárias – e oferece tecnologia para que outras comunidades compartilhem conhecimento para produzir inteligência. É o caso do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (www.forumseguranca.org.br), que fomenta a discussão – sempre urgente – sobre o tema no País.

“A *web* colaborativa invoca as pessoas a participar, é a apropriação das novas tecnologias em favor das pessoas”, diz Oona. Um ingrediente importante é

a cultura do *copyleft*, um trocadilho com a palavra *copyright*, que significa o direito de propriedade intelectual. O *copyleft* parte do princípio de que a defesa da propriedade intelectual, disfarçada na forma de proteção dos direitos do autor, permitiu a apropriação pelas corporações da informação e da criatividade. A internet, lembra Oona, ajuda a desmontar o argumento de que a propriedade intelectual estimula a inovação, pois gera a possibilidade do acesso direto e barato a bens cujo valor advinha da escassez artificial.

O acesso e as formas alternativas de licenciar obras intelectuais permitem a formação da chamada “cauda longa”, ou seja, uma grande diversidade de produtos

cidadania e economia solidária.

No condomínio e nas comunidades, o fato de que cada vez mais pessoas estão conectadas salta aos olhos. A eleição do democrata Barack Obama nos EUA, por exemplo, foi impulsionada pelo uso das redes sociais e pelo ciberativismo de entidades como a Avaaz (www.avaaz.org), que diz contar com uma lista de 3 milhões de nomes globalmente. O objetivo da Avaaz é funcionar como um “alto-falante” e dar voz à “opinião pública global”, diz Graziela Tanaka, organizadora da entidade no Brasil. Apesar disso, a entidade por enquanto atinge o público com consciência política – majoritariamente branco e com educação de nível

A rede invoca a participar e permite que as periferias se apropriem das tecnologias. Mas o pensamento independente ainda é importante

e seu consumo por nichos, o que contribui para a “ecologia da produção cultural”, nas palavras de Oona. “As classes dominantes se apropriam das tecnologias, mas as periferias também”, diz. Justo elas que não eram as escolhidas pela indústria cultural.

Do condomínio à comunidade

Nem sempre foi assim. A internet chegou ao Brasil na segunda metade da década de 90 e, por anos, foi vista como elitista. “Poucos enxergaram que era o contrário, que sem internet em todos os lugares é que se aprofundava a desigualdade”, conta Oona. Aos poucos, a democratização do acesso avança, ancorada um pouco em políticas públicas e muito no sucesso global da rede. Hoje, embora não se possa ignorar que a exclusão digital é realidade no Brasil, há um processo quase orgânico de espalhar a internet, como no caso das *lan houses* que pipocam pelos bairros.

Em um dos maiores bairros de Fortaleza, a Cooperativa Pirambu Digital (www.pirambudigital.com) criou o Condomínio Virtual, que catalisa doações de computadores usados para um “condomínio” em que o “síndico” fica responsável por receber a conexão de internet e compartilhá-la com os “condôminos”. A idéia é integrar comunidades que se formam a partir dos condomínios, até que englobem bairros inteiros, além de formar jovens no desenvolvimento de sites e software e na prestação de serviços de informática.

Em outros tantos locais, a tecnologia e a possibilidade de usá-la em favor da comunidade chega por meio dos Pontos de Cultura, programa do Ministério da Cultura que articula e impulsiona iniciativas que envolvem as comunidades por meio de arte, cultura,

superior –, mas sem tempo de ir às ruas por causas que vão da violência em Myanmar à ação global para mitigar as mudanças climáticas.

Até que ponto a conexão revolucionária radicalmente a organização da sociedade é questionável. O jornalista americano James Surowiecki escreveu livros sobre a inteligência coletiva e alerta para a importância do pensamento independente, ao citar o fenômeno do “circular mill”: Quando uma formiga se perde, ela segue a companheira à frente e, na maior parte das vezes, o grupo acaba se movimentando em círculos.

Rumo ao 3.0

Talvez por isso a maior força das tecnologias que conectam as pessoas e permitem que elas deixem de só consumir para também produzir conhecimento esteja em seu potencial de *empoderamento*. É o que aposta a Eletrocooperativa, entidade nascida em Salvador para atacar problemas da juventude como desigualdade, desemprego, violência e falta de inserção social e econômica, e que usa música e tecnologia para formar os jovens em “sevirologia” – ensiná-los a “se virar” para se transformarem em “seres sustentáveis”.

Hoje, a Eletrocooperativa fomenta a produção do que chama de “artesanato digital” e facilita negócios. O próximo passo, conta Reinaldo Pamponet, fundador da entidade, é caminhar para usar a internet na geração de benefícios sociais, estimulando um modelo de produção aberto e a criação da “nova empresa social”. Ele resume: a *web 1.0* era o *download*, a *web 2.0* é o *upload*, a idéia é que a *web 3.0* garanta valor econômico para quem faz o *upload*, usando a rede para fazer distribuição de renda.

P22

Banco sem fio | O celular leva serviços financeiros à baixa renda e a internet viabiliza microempréstimos

Ainda restam lacunas a fechar no acesso à internet, mas a tecnologia celular avança a passos largos e começa a prestar todo tipo de serviço, em particular o financeiro. Mesmo quem não tem conta corrente, provavelmente possui celular – estima-se que 105 milhões de pessoas no País têm o seu. O *mobile banking* já é realidade na África do Sul, no Quênia e nas Filipinas.

No Brasil, todos os grandes bancos estudam ações de *mobile banking*, diz Adrian Kemmer Cernev, professor da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV-EAESP). Mas quem saiu na frente foi uma operadora de celular, a Oi, com o Oi Paggo, um serviço voltado para a camada de baixa renda da população, que permite o uso do celular como se fosse um cartão de crédito. O sistema exige que o lojista tenha um aparelho Oi para realizar a transação,

que depende da confirmação do cliente, também via celular. No fim do mês, a conta do celular chega junto com a do Oi Paggo, nos moldes de uma fatura de cartão de crédito. Além da convergência dos setores financeiro e de telecomunicações, o *mobile banking* tem potencial para causar impacto ao alcançar uma população desatendida, acredita Cernev.

Quem não depende de celular para receber financiamento, pode usar a internet para dar crédito a quem precisa. O Kiva (www.kiva.org) é um site que viabiliza microempréstimos para pequenos empreendedores nos países em desenvolvimento. “Usamos o poder da internet para facilitar conexões pessoa-a-pessoa que antes eram proibitivamente caras”, diz o site. Desde 2005, o Kiva contabiliza 364 mil empréstimos, no total de US\$ 50 milhões, com taxa de repagamento de mais de 98%.



BRUNO BERNARDI

A vez dos comuns

POR Flavia Pardini

Com a tecnologia digital, a internet e a cultura que nasce de ambas reemerge a noção de *commons*, o que é comum a todos. A falta de materialidade e a possibilidade de todos ocuparem espaço na rede subvertem os modelos de negócio e os valores da sociedade de consumo, diz Claudio Prado, presidente do Laboratório Brasileiro de Cultura Digital

Há uma palavra para *commons* em português? Se não tivesse totalmente desgastado o conceito de comunista... o (*Lawrence*) Lessig, um dos caras que inventou o Creative Commons, é acusado nos EUA de ser comunista, um palavrão terrível. Ele se diz *commonist*. Se a palavra “pública” não estivesse tão desgastada, podíamos dizer que é isso, mas as palavras vão se desgastando.

Como sustentabilidade. Sustentabilidade é complicadíssimo, porque já está na mão dos marqueteiros políticos, o cara se apropria do termo e nunca refletiu a respeito do que pode vir a ser.

Qual é a idéia dos *commons*? É o que é comum a todo mundo. A rua deveria ser um *commons*. Hoje se fala: tem que tirar o menino da rua. É ridículo, devia ser o lugar onde as pessoas se encontram. Tem o privado e o comum, o comum é onde está todo mundo, onde você encontra as pessoas. Só que isso deixou de ser, a rua agora é lugar perigoso. O exemplo que uso, quase na fronteira do utópico, é o ciberespaço. Digo quase na fronteira porque ele existe, é o único lugar real – embora também seja virtual – de espaço comum. No ciberespaço todo mundo tem, em princípio, o

mesmo tipo de espaço, não se pode comprar lugar, não tem preço por metro quadrado. Se você ocupar espaço, tem tanto espaço quanto a Globo.com. Você – indivíduo, pessoa – tem direito.

A tragédia dos comuns refere-se à superexploração dos recursos naturais. O meio ambiente é interessante para os *commons*? O conceito ampliado, de mãe-terra, deveria ser. Se o sentido de *commons* estivesse embutido em todo mundo em relação ao planeta, não estaríamos fazendo a desgraça que estamos fazendo. Alguém falou algo interessante: ninguém que tenha a percepção da terra como mãe furaria a mãe para tirar o sangue e transformar em combustível para automóvel. O problema dos *commons* é resgatar a possibilidade da existência de territórios comuns a todos, que deveriam estar muito mais próximos da gente do que efetivamente estão. Viraram coisas utópicas, teóricas.

Mas a noção está reemergindo? Eu acredito nisso. Existem duas coisas. Primeiro, o ressurgimento não é uma coisa organizada, emerge de forma não estruturada, que é o grande barato. O outro fato interessante é a degradingolada do mundo corporativo

e “político”, entre aspas, no sentido de política partidária. O que emerge é um político sem aspas, um mundo político real, a política dissolvida, horizontalizada, transversal a uma postura do ser humano.

Onde se manifesta isso? É uma herança *hippie*. Desapareceu o *hippie* de calça rasgada, porque a calça rasgada agora está na *boutique*, mas... ecologia, por exemplo foram os *hippies* que trouxeram, não vem da esquerda. A esquerda nunca pensou em ecologia ou no feminino. Pensou no feminismo, que é o direito da mulher de ser machista: a mulher é igual ao homem, o homem é idiota, a mulher também pode ser.

A calça na boutique é uma apropriação de valores? Da calça, sim, dos valores, não. Eles estão voltando.

Por uma questão individual, ou há um movimento? Movimento é outra palavra que tem que se tomar cuidado. Um exemplo é a internet, ela não é um movimento. A internet é um negócio enorme, talvez uma das maiores coisas que o mundo tem. Não pertence a ninguém, ela foi nascendo sozinha, sem projeto, planejamento, orçamento, sem nenhuma das coisas obrigatórias a tudo que vem a existir de fato, de forma real. Na escola continua-se ensinando que não dá para fazer internet, porque ou você sabe exatamente aonde quer chegar, ou não chega nunca. A internet nasce de um total imponderável. Ao contrário, se alguém tivesse enxergado a internet como possibilidade, ela seria proprietária, seria de alguém. É que ninguém viu.

Quando se fala de internet e cultura digital, fala-se da mesma coisa? Sim e não. Cultura digital é o mundo em torno daquilo que o digital precipita. O digital é um paradoxo. A tecnologia digital nasce da tentativa do mundo capitalista selvagem de aumentar seus lucros. “Nossa, dá para fazer essa maquininha desse tamanhinho, vai custar quase nada para mim, mas vou vender caro.” Nasce da voracidade do lucro, mas se mostra totalmente subversiva ao mundo do consumo selvagem. Uma máquina que pouco tempo atrás custava muito caro foi trazida, pela convergência digital, para um aparelho celular – cuja tendência é custar zero – e que faz todas as funções daquela máquina. É uma subversão econômica, física, real, dos valores profundos da sociedade de consumo. Se na era industrial uma máquina custava 500 dólares e hoje tem cinco ou seis dessas máquinas enfiadas em algo que não custa 500 dólares, para quem está a fim de dólares, isso é subversivo. A Sony é totalmente contra a pirataria, mas faz a máquina que viabiliza a pirataria.

E não percebe? Eles estão doidos, esquizofrênicos, doentes! Junto com isso, o que aconteceu no mundo capitalista, real? A corrupção, que é inerente ao processo político e do dinheiro. O que é a eleição do Obama, se não resultado da corrupção? Por isso a gente tem que agradecer, beijar os pés do Bush, ele viabilizou, acelerou a mudança de forma fantástica. O Bush é um ícone do século XXI, a gota final de uma etapa. Sou um profundo otimista, as coisas não são assim tão bonitas, mas, quando eu tinha 20 anos, nos EUA existia ônibus para brancos e ônibus para pretos. As pessoas se esquecem a loucura que era, que ainda é, a questão raça nos EUA, a página que foi virada com a eleição do Obama. Até pelo aspecto de como ele ganhou a eleição, mobilizando a sociedade através do celular, essa maquininha subversiva. Os jornais

outro dia perguntavam como o Obama vai viver sem BlackBerry, isso é fantástico, porque ele está conectado com as coisas. Acho que vai ser esperto o suficiente, arrumar um disfarce e andar na rua, ou arrumar gente que conte o que está acontecendo na rua.



Na lógica analógica, o século XXI é todo pirata. É preciso reduzir o poder do privado e aumentar o direito dos comuns



que doaram grana.

O senhor cunhou o termo “peeracy”. De onde veio? É de *peer-to-peer*, que é os *commons*, foi uma sacada, conversei com o (*ex-ministro da Cultura, Gilberto*) Gil e ele botou no discurso. A tradução mais interessante seria “paritaria”, de paritário.

Tem um trocadilho com pirataria? É a sonoridade das palavras, mas torna-se interessante. Veja a experiência do Radiohead, uma banda da moda que vende muito disco e colocou seu último trabalho na internet de graça. Você paga quanto quiser, se quiser. Tecnicamente eles piratearam a si mesmos e ganharam uma bolada. O Paulo Coelho está fazendo a mesma coisa. Ele ficou pirado, porque tinha traduções piratas da obra dele nas línguas mais loucas, começou a redescobrir a sociedade alternativa, que foi ele quem inventou com o Raul Seixas, a incentivar a pirataria, para ver o que acontecia. Fez o site “Pirate Paulo Coelho” e vende mais livro através da pirataria. É o mesmo que o *Tropa de Elite*, cuja estratégia de marketing foi ser pirateado. O cara disse: “Não fiz isso, de jeito nenhum!” Não interessa quem fez, ele foi parar no *Roda Viva*, estourou na mídia, porque o filme foi pirateado.

Extrapolou o público de elite. Se tivesse ido direito para o cinema... Não acontecia nada! O *peeracy* brinca com a pirataria, porque o digital transforma as possibilidades de democratização do acesso de forma fantástica. Agora, as possibilidades multiplicadoras de acesso são chamadas de pirataria pelo sistema anterior. Dentro da lógica analógica, o mundo do século XXI é todo pirata. Ou então vamos eliminar, cortar tudo, nos comportar como se não existisse o digital.

A doação, que mantém o Radiohead, que elegeu o

Em vez de pesquisar o eleito-rado, vai ao commons? Claro, foi assim que ele ganhou. Quem é esse cara? Ele se formou em Harvard, mas foi fazer movimento social, é um ativista social e trouxe para a campanha a organização do ativismo, mobilizou 3 milhões de pessoas

Obama, dá certo nos EUA. Há essa cultura no Brasil? O Brasil tem o mutirão, as pessoas vão construir a casa dos outros no fim de semana, que é o bem talvez mais precioso que elas têm no mundo do consumo. Ao contrário, o Brasil é o lugar onde os *commons* se propagam de forma extraordinária, faz parte de uma postura, uma atitude. O Carnaval, por exemplo, é um processo alquímico de transformar a pobreza em alegria. Aquele espetáculo, naquele momento, é um território construído. Isso se você eliminar o Sambódromo, que é um acidente de percurso, limita, prende.

A comunalidade no Brasil tem a ver com a cultura? Estamos vivendo a compreensão cada vez mais profunda de que a questão cultural, e não a economia, é o amálgama que constrói as possibilidades de analisar o processo civilizatório. É uma inversão de rota. Medir o processo civilizatório pela economia deu nisso que está aí. A economia é um barco com 77 furos e 40 rolhas, está afundando. Com o digital, a indústria encolhe, esse seu gravador pesava 2 quilos alguns anos atrás, agora é minúsculo, não tem mais materialidade. Vivemos a era da informação, e ela não é industrializável. Chamou-se o turismo de indústria do turismo porque foi na era industrial, mas não tem nada a ver com indústria. Estamos entrando em outra era, a indústria vai ter seu papel, mas é outra coisa, onde o digital é indutor. É um rito de passagem para uma era que não tem nada a ver com a tecnologia, não é o digital que define a era, ele é indutor, assim como o Bush.

Como o senhor imagina essa nova era? *Imagine*, do John Lennon, sempre me pareceu uma visão: imagine tudo de todo mundo, se você for capaz, diz a música. Essas coisas começam a existir. Veja o Creative Commons, uma instituição que cresceu muito, que olha a patente e o direito autoral, tal qual foram pensados nos séculos XIX e XX, como cercas do conhecimento, que fazem com que pessoas que estão fora da cerca não possam usufruir do conhecimento e que enriquecem de forma absurda quem fez a invenção. Daqui a pouco o mundo inteiro vai piratear – já estamos assim – e vai ser impossível controlar. Tem que regular de outra forma, parar de chamar de pirataria e chamar de paritaria, talvez. O processo regulatório dos governos passa a ser diminuir o poder do privado para aumentar o direito dos comuns. Se a patente fosse uma boa idéia, e, portanto, inventada

muito antes, o ângulo reto teria sido patenteado por Pitágoras. As pessoas seriam incentivadas a usar, mas teriam que pagar. A bola também, a roda é uma grande invenção para se patentear.

Em que pé está o governo brasileiro na regulamentação da paritaria? Esquizofrênico, como todos os governos são, mas tem uma grande onda a favor de repensar isso. O Ministério da Cultura está discutindo no Brasil inteiro a questão do direito autoral. Quando a gravadora se recusa a numerar CD e disco, isso vem desde o LP, é uma evidência de que está tirando números maiores. É até piada dizer que há um problema técnico em numerar CDs. Elas fazem mais, e roubam do autor. Elas são as piratas! É o sistema, a corrupção, que está por trás dessa história. Existe uma segunda questão que está *sub judice*: o modelo de negócio antigo não funciona mais, porque não há mais a materialidade por trás do CD, da música, do texto. Com um clique você distribui para um milhão de pessoas. Se vai complicar a vida do autor A, B ou C, tem que pensar como que equilibrar essas novas possibilidades. Não adianta dizer que tem que regular a internet, como quer o (*senador Eduardo*) Azeredo, voltar para uma coisa pré-internet, achando que todos os males do mundo existem por causa da internet, pedofilia etc.

É o projeto de lei dos crimes cibernéticos? Corre o risco de ser aprovado? Acho que, agora, não mais, porque teve gente capaz de alertar que uma lei específica para a internet é um absurdo. Teria que ter uma lei para a marreta, marreta na mão da pessoa errada é um perigo! Para não falar de revólver. O brasileiro recusou a proibição das armas e agora tem gente que acha que existe pedofilia por causa da internet, é ridículo.

E o problema do acesso? Banda larga de graça para todo mundo vai acontecer inexoravelmente no planeta todo e no Brasil antes de muitos lugares. Está cheio de prefeitura fazendo isso, de gente falando, de coisas acontecendo. O problema é discutir o que as pessoas vão fazer com a banda. Quem vai se apropriar primeiro são as corporações. Quem usa Skype realmente no Brasil são as corporações, uma das primeiras foi a Anatel, a reguladora do sistema telefônico. Por que pagar se pode usar Skype? A Anatel não paga conta de telefone.

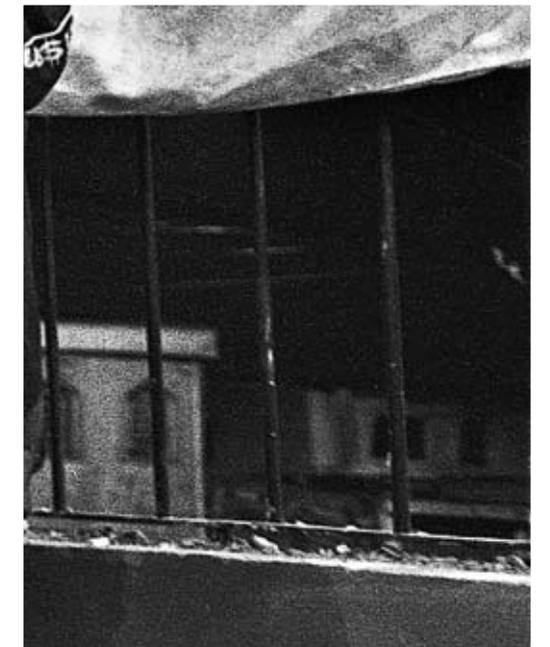


O historiador Nicolau Sevcenko diz que a internet toma o tempo que as pessoas teriam para refletir sobre o mundo. Qual sua opinião?

É a questão cultural, e não a economia, que traz possibilidades de analisar o processo civilizatório



benéfico inclusive por construir qualificações dos encontros, olha quanta gente está se casando, construindo relações emocionais pela internet. O que acontece se você solta um cachorro que ficou preso a vida toda? Ele faz besteira. A internet neste momento é uma espécie de soltura do ser humano para o mundo, ele pode entrar em sala de sexo, pornografia, fazer coisas que eram proibidas, descobrir pessoas iguais a ele, se permitir a trocar idéias sobre quem ele de fato é. É muito mais interessante do que Freud.



| POR **Carolina Derivi**

Distraídos venceremos

Sem distinção entre palco e platéia, amadores e profissionais, os saraus consolidam-se como fórmula inovadora de viver e produzir cultura. Quase sem querer, ainda inspiram novos rumos para a coletividade nos centros urbanos

Toda quarta-feira é assim. Pelo menos uma centena de pessoas se reúne no bar do Zé Batidão, Chácara Santana, Zona Sul de São Paulo. No vaivém de garrafas e petiscos, o barulho intenso das conversas contrasta com o cartaz solitário na parede, onde se lê: “O silêncio é uma prece”. Até que a ruidosa clientela se apruma e o silêncio vem, tão ou mais absoluto do que se daria em um museu, um cinema ou um teatro. É a reverência à hora de falar e ouvir poesia.

Sem museu, cinema nem teatro, a arte encontrou o seu caminho na periferia, no improvável cenário de um boteco. Desde 2001, o sarau da Cooperifa subverte estereótipos e revela talentos que hoje se traduzem até em CD de poesia falada e em uma Antologia Poética, lançados em 2006 com apoio do Itaú Cultural. O fundador do movimento, Sergio Vaz, explica o segredo para fazer com que uma forma de arte considerada erudita caia no gosto popular: “Na periferia, falar em poesia tinha uma conotação de que era coisa de fresco, ou coisa inútil. Mas as pessoas foram percebendo que já faziam poesia. Uma cartinha rimada, um desabafo num caderno... E tirar esses textos da gaveta, compartilhar com a comunidade, é dizer que aquela pessoa também é possível. Que ela existe e tem importância”.

Segundo Vaz, o sarau já chegou a reunir 500 pessoas, com mais de 70 poetas revezando-se ao microfone. O sucesso fez com que o modelo se reproduzisse em outras periferias e em outras cidades. Alguns saraus, como o Coletivo, de Belo Horizonte, acontecem no mesmo dia da semana e no mesmo horário da Cooperifa, o que lhes confere um sutil, mas poderoso sentido de integração. Para Vaz, há outros caminhos sutis desenhados na dinâmica livre e lúdica do sarau: além da construção da auto-estima e de uma identidade garantida pela produção cultural própria, a oportunidade de debater e encontrar saídas coletivas para os problemas da comunidade, o estímulo à educação e o gosto pela leitura. “A arte pode ser política sem ser panfletária”, ensina ele, e resume seu pensamento na máxima do poeta Paulo Leminsky: “Distraídos venceremos”.

Da periferia ao centro, os saraus oferecem a rara oportunidade para que pessoas de diferentes origens sociais possam conviver

Prova disso é que, ao lançar um projeto “para a periferia e pela periferia”, como se repete comumente durante os saraus, a Cooperifa criou um espaço oportuno para que pessoas de diferentes origens e condições sociais possam conviver. “Hoje vem

gente de toda parte, do centro, da classe média. E são todos bem-vindos. É importante que essas pessoas venham, para acabar com o medo de frequentar a periferia. Se eles contam para os outros o que viveram, é isso que vai acabar com a invisibilidade da ‘quebrada’”, aposta Vaz.

Dois lados da mesma moeda

Muito longe dali, na Vila Madalena, bairro de classe média alta de São Paulo, a mesma virtude parece despontar no tradicional Sarau do Charles. Há treze anos, o paraibano Alessandro Azevedo incorpora o palhaço Charles, mestre-de-cerimônias de um encontro que acolhe as mais diversas linguagens, do *clown* à dança flamenca, dos rituais xamânicos ao comediante *stand-up*.

“No sarau eu já conheci pedreiro, pintor de parede, advogado, juiz, político... Acho isso magnífico. Durante aquelas horas, todo mundo pode ser alvo de uma brincadeira e todo mundo é igual diante da mira do palhaço”, descreve. Totalmente fundado no espírito do improvisado, o Sarau do Charles subverte a quarta parede, de modo que artista e platéia interagem e se confundem. Na última edição, nem a repórter escapou, convidada a participar desajeitadamente de um arrasta-pé nordestino.

Nos bastidores, os artistas comentavam o equilíbrio entre o nervosismo e a vontade de experimentar. “Aqui é um grande laboratório, não tem como dar errado”, disse Leandro Calado, também palhaço. Para ilustrar o argumento, narrou uma aventura vivida em Nova York, em 2004, no mesmo dia em que um ataque terrorista a um trem de Madri matou cerca de 200 pessoas. Nos

Estados Unidos, policiais tomaram as ruas em meio ao alerta laranja, mas, por alguns instantes, o clima tenso foi quebrado pelo palhaço que decidiu fazer piada e imitar os guardas usando sua corneta como se fosse uma arma. Funcionou. Os soldados riram, turistas tiraram fotos. “Imagina, se eu não estivesse caracterizado, acho que tinha sido preso. A verdade é que isso aqui tem poder”, disse, apontando para o infalível nariz vermelho de plástico.

Para todos

Talvez a explicação para que os saraus tenham apelo entre os mais diferentes públicos seja a simplicidade do modelo. Pode até requerer alguma prática ou habilidade, mas certamente não requer burocracia. Dispensa projeto, edital ou Lei Rouanet. No princípio, o Sarau do Charles era realizado no pequeno apartamento de Alessandro, reunindo pouco mais de dez pessoas. E mesmo hoje, instalado em endereço fixo no Teatro da Vila, o sarau é periodicamente transportado para parques, praças públicas e comunidades carentes, como a Favela Moinho, na Barra Funda.

“A idéia da ocupação do espaço público sempre foi muito importante. Porque é papel da arte fazer as pessoas um pouco mais felizes. E isso dá uma amenizada no contexto da cidade, que às vezes é tão árido, frio, violento”, considera Alessandro, para quem os saraus se tornaram tão comuns nas grandes cidades na última década que hoje se configuram como um movimento pela democratização da cultura. “Se é tão difícil agendar uma sala, passar num edital, nossa resposta é democratizar”, diz o palhaço, cujo maior projeto para 2009 é realizar, em São Paulo, o primeiro encontro brasileiro de saraus.

Boemia renovada

Se a escassez de oportunidades no *mainstream* é uma realidade em todos os segmentos da cultura, que o digam os músicos herdeiros de uma indústria fonográfica em decadência. Em tempos de internet, polêmicas sobre direitos autorais, derrocada dos CDs, as grandes gravadoras que se mantêm no mercado reduziram ainda mais os seus *castings*. Mas nada disso repercute no Clube Caiubi, onde música e poesia ainda são escritas em guardanapos de papel, ao sabor da inspiração – e da cerveja.

Em 1997, um grupo de estudantes e professores da PUC encampou o ambicioso projeto Maria-Sem-Vergonha, em homenagem a uma flor que nasce em qualquer canto, o que representava a convicção do grupo de que a arte pode florescer sob quaisquer condições. Entre iniciativas de dança, música, teatro, poesia,

vingou a vocação dos músicos, que resolveram locar, em 2002, um espaço na Rua Caiubi, em Perdizes, no qual pudessem apresentar suas canções e ainda garimpar novos compositores. Hoje remanejados para o Villaggio Café, em Pinheiros, os caiubistas mantêm sua principal tradição: o sarau conhecido como Segundas Autorais.

Toda segunda-feira, qualquer pessoa pode se inscrever, subir ao palco e apresentar até duas canções. A única exigência é que sejam composições próprias. Diante de um público formado por músicos profissionais e amadores, o terreno é fértil para novas parcerias e trocas de influências. “No rádio, na televisão, não tem espaço para conhecer músicas inéditas. Para um público que busca renovação, o Caiubi é maravilhoso. Só numa festa que tivemos aqui, contei 19 parceiros meus”, diz Álvaro Cueva, violonista e compositor.

“O mercado da música se modificou, os caminhos hoje são outros, e estes a música independente sabe trilhar melhor”, pondera Lis Rodrigues, caiubista fundadora. O site do clube na internet é prova dessa capacidade. Em uma plataforma de rede social, o site interligou mais de 1.700 músicos

do Brasil e do mundo em apenas três meses de existência. Além de trocar canções e conselhos, muitos integrantes arriscam parcerias à distância. “Neste último mês, compus com uma parceira de Porto Alegre que eu nunca vi”, conta Cueva. “O site é, ao mesmo tempo, divulgação e um estímulo para produção musical.”

Estímulo que fez com que Afonso Moraes subisse ao palco pela primeira vez aos 70 anos de idade, em um sarau do clube. Na juventude, fora parceiro dos Titulares do Ritmo, grupo vocal de enorme sucesso nos anos 50, mas nunca havia saído dos bastidores. Sem saber tocar um instrumento, Moraes sempre compôs com palmas e assovios e, aos 74 anos, gravou seu primeiro CD ao lado dos caiubistas. O álbum independente, que mistura sambas, tangos e baladas, foi batizado apropriadamente de *Já Era Hora*. “Antes eu fazia música e não mostrava. Agora quero fazer música até os 100 anos!”, garante Moraes. E ninguém duvida. **P22**

SERVIÇO (EM SÃO PAULO):

■ Sarau da Cooperifa

Rua Bartolomeu dos Santos, 797 – Chácara Santana
Toda quarta-feira, às 22h. Entrada franca

■ Sarau do Charles

Teatro da Vila – Rua Jericó, 256 – Vila Madalena
Toda terceira sexta-feira do mês, às 21h (R\$ 10)

■ Clube Caiubi

Villaggio Café – Rua Teodoro Sampaio, 1.229 – Pinheiros
Toda segunda-feira, às 21h (R\$ 5) <http://clubecaiubi.ning.com/>



FOTO: BRUNO BERNARDI

Política sem truques

Identificada com um jeito jovem de fazer política, Soninha Francine aposta na capilarização dos espaços representativos e na inclusão da massa de “desorganizados” para renovar o sistema. Aversa a picuinhas partidárias, aprecia a organização de parlamentares em torno de causas e considera integrar a prefeitura de Gilberto Kassab. Mas os 4% de votos que obteve na eleição em São Paulo indicam que há quem queira mudar, diz. E promete tentar de novo | **POR Carolina Derivi**

Qual seria o redesenho ideal da política brasileira e qual é o redesenho possível? O ideal é muito mais inclusivo do que o que temos hoje, que é um sistema piramidal. É uma concepção interessante ter câmaras de representação municipais, estaduais e federais. Mas tem de ser muito mais capilarizado, com mais espaços de representação, nos bairros ou, como em São Paulo, nas subprefeituras. Tenho o sonho de que haja outros espaços de formulação, execução compartilhada, de responsabilidade pela implantação da política pública, avaliação dos resultados. Não é impossível. Mas, por enquanto, é tabu, por exemplo, questionar a necessidade de um órgão legislativo permanente em cada município. Dá a impressão de que estamos falando em fechar o Congresso de novo. Mas temos que discutir se é realmente necessário. Pelo ponto de vista legislativo, tenho certeza que não. Tanto é que todos os Paramentos do Brasil passam semanas sem votar um projeto em plenário.

Mas eles têm outras funções. A porção fiscalizadora da Câmara, de interceder em favor da população pela garantia de direitos, pode perfeitamente ser feita por outros modelos, que surgem aqui e ali: conselho gestor da unidade básica de saúde, do parque municipal, e os temáticos, como conselho municipal da pessoa com deficiência. Eu acredito muito nisso.

A senhora declarou que não pretende mais se candidatar a cargos legislativos. Na sua visão, o Parlamento está tomado de vícios irrecuperáveis? É um caso perdido? Não. Mas só vai deixar de ser um caso perdido se mais gente se importar com ele. Está tomado de vícios e de costumes. Tanto é que, quando questiono “pelo amor de Deus, por que não

se votam os projetos?”, a resposta é: “Parlamento é assim em qualquer lugar do mundo”. Concordamos que ele seja assim? Se as pessoas não discordam, por que ele mudaria?

Por que a sociedade anda tão distante da política partidária? Os partidos ainda têm vínculo com os grupos sociais que os originaram? Às vezes não, às vezes sim. Os vínculos também se modificam. O PT, por exemplo, vem de uma base sindical. Quando era, principalmente ou só oposição, a associação com a base sindical e os movimentos sociais era de uma natureza. Depois, a relação se modificou muito. Os partidos também são modelos a se questionar. Ao se atrelar a um grupo, você assume compromisso com o programa, as lideranças. Mas nenhum partido hoje dá conta de todas as posições possíveis sobre tudo. Em um mundo menos complexo, era fácil identificar três ou quatro bandeiras e falar “meu partido é o que se posiciona assim em relação ao modo de organização do trabalho, às liberdades individuais, à importância do Estado”. Você tinha como escolher: esta é a minha turma. No Brasil, além de isso ter se diluído e se deturpado, nenhum partido tem uma posição, por exemplo, para a questão das pesquisas com células-tronco embrionárias, as políticas de mudanças climáticas, de combustíveis. É inevitável que dentro do partido haja lideranças importantes, coerentes com os princípios do partido, com opiniões completamente diferentes sobre essas coisas. Este já foi um modelo interessante, mas talvez daqui a 20 anos a gente diga: “Lembra quando tinha partido?”

Na prática as pessoas já se organizam conforme interesses próprios, ou de um determinado grupo. Há a bancada evangélica, que é suprapartidária e defende pontos de vista evangélicos. Há a organização de parlamentares em torno de um tema, porque têm afinidade com uma bandeira. Por exemplo, a Frente Parlamentar de Agenda 21 ou a da Radiodifusão Comunitária.

A tendência é os políticos se organizarem como os movimentos sociais? De certa maneira é isso. E que seja, porque movimento pressupõe caminhar em direção a alguma coisa, a um ponto de chegada. Os partidos se movimentam, sim, mas em direção à vitória sobre o adversário. O objetivo do partido acaba, inevitavelmente, sendo a autopreservação, a auto-afirmação.

Isso é um problema da mentalidade dos políticos ou é intrínseco ao modelo de política representativa, que pressupõe os partidos? Como os políticos são humanos e os humanos têm a tendência, como a sociologia explica, de se identificar com algumas pessoas e ter avaliação pior daquelas com as quais não se identificam, acho inevitável. É irreal achar que, organizados em grupos adversários, os políticos não se tornem rivais. Por isso a união, até temporária, em torno de um tema ou objetivo é tão interessante. Obviamente o mesmo político pode transitar por

muitas dessas uniões, não vai ser necessariamente do partido X e obrigado a concordar sempre com o partido X, que às vezes nem oferece algo com que concordar.

Até que ponto o chefe do Executivo tem poder de renovar essa lógica, uma vez que ele precisa do Parlamento para trabalhar? Se ele não tiver respaldo muito forte da população e um tratamento correto da mídia, está ferrado. Opinião pública é opinião publicada. Se a população entender que determinado projeto não sai por culpa do prefeito, quando na verdade a Câmara obstrui por disputa política, ela se volta contra o prefeito e isso dá mais força aos obstrutores. Não significa pedir ajuda à mídia, mas pedir uma cobertura correta, analítica.

A sua campanha para a prefeitura de São Paulo tinha como proposta fazer prevalecer o interesse público sobre os partidários. Terminou com pouco mais de 4% dos votos. Que mensagem o eleitor passou? Indica que é muito difícil romper com o que é conhecido. Acontece em todos os níveis: as pessoas detestam congestionamento, mas relutam em mudar o hábito, o meio de locomoção, a hora de sair de casa

ou mesmo mudar de casa. As pessoas que reclamam, que descredita da política, ainda assim tendem a escolher o que já conhecem. Pergunte aos eleitores quais as propostas do (prefeito de São Paulo, Gilberto) Kassab com as quais eles concordaram. O eleitor é movido por milhões de razões, uma delas é a familiaridade. Se você fizer uma comparação entre a opinião das pessoas sobre a política e o resultado da eleição, não combina, tem algo muito errado.

Qual a saída? Esperar que o inovador se torne comum? Familiar. De minha parte, é só o que posso fazer. Tentar de novo e de novo. Recebi ontem um e-mail: “Soninha, não votei em você, mas para mim você era a melhor candidata”. Não é maluco? Ou então: “Não votei em você, mas reconheço que as suas propostas eram as mais sensatas”. Canso de ouvir isso. Ao mesmo tempo, pessoas que votaram em mim, muito mais velhas do que eu, dizem: “Já estou velho, não sei até onde vou. Mas você vai. Um dia, quem sabe... tenha paciência”. É natural que seja demorado.

Se há distanciamento em relação à política partidária, o eleitorado encontra outras formas de se organizar? Uma parte, sim. Porque quem se organiza tem força, poder de pressão, com ou sem partido. Mas o problema não é quem se organiza de um jeito ou de outro, é a massa imensa de desorganizados.

O ideal é que se organizassem? Não necessariamente. Esse é o desafio, talvez o maior da democracia. A democracia não é da maioria, é de quem se organiza. Quem se organiza se faz visível e

faz pressão. Não se deve esperar que todo mundo seja militante. Nosso desafio, nós institucionalizados e organizados, é como é que a Dona Maria, que não é nem nunca vai ser filiada a nenhum movimento, membro de ONG nem nada, recebe a bolsa auxílio. Seria absurdo e autoritário querer que todo mundo fosse membro de uma organização. Já temos o desafio de garantir condições para ouvir as minorias. Isso está bem assimilado, nos regimentos das casas parlamentares há vários mecanismos. Mas não é só isso. A imensa maioria está desrepresentada. E aí, o que faz? Faz plebiscito, garante o acesso à informação. Não preciso ir na reunião de moradores da Brasilândia para saber que tenho direito a uma bolsa, ao cadastro para uma vaga de emprego. Tem que chegar pra mim, mesmo que eu nunca entre em um lugar que tenha mural de recados. Tem tudo a ver democracia da informação, das comunicações, com a plenitude do regime democrático.

O seu programa eleitoral de TV era a senhora na frente de um fundo preto. Foi uma campanha modesta ou a escolha consciente por uma linguagem diferenciada? Tivemos problemas de realização, mas teríamos de qualquer forma um padrão econômico. O texto era mais importante. Também interpretamos a norma que diz que não pode ter recursos gráficos, efeitos de computação. Pelo jeito, interpretamos errado, porque ninguém mais obedeceu.

Faz parte da renovação possível marcar a diferença entre campanha eleitoral e de marketing? Sim.

A campanha mais marcante para mim nessas eleições foi a do (candidato à prefeitura do Rio, Fernando) Gabeira. Tinha uma estratégia de marketing, mas em função do conteúdo, e não o contrário. Gosto de estética, de coisa bem-feita, desde que tenha em vista o conteúdo. Hoje é o contrário. Adapta-se o conteúdo à recomendação do marqueteiro. O Kassab disse que vai ficar um ano sem aumentar a passagem de ônibus, não porque estivesse previsto no plano de governo, mas porque o marqueteiro identifica que a população gostaria de ouvir isso.

A população responde a isso, mas ao inverso também? Claro que responde. Sim, as pessoas caem em truques mercadológicos. Isso não nos obriga a fazer truques mercadológicos. Tem jeito de você se fazer conhecer e confiar sem truque.

Representa um amadurecimento do eleitorado? Não. Nos últimos tempos eleição é referendo. É como se só houvesse duas alternativas. É decidida em função da rejeição, não da preferência. Talvez isso explique por que os governos não contam com tanto apoio popular. Mas estamos melhorando, ter 4% dos votos é sinal de que tem um público cansado de verdade do modelão. Vejo isso também pelos que não têm idade para votar ainda.

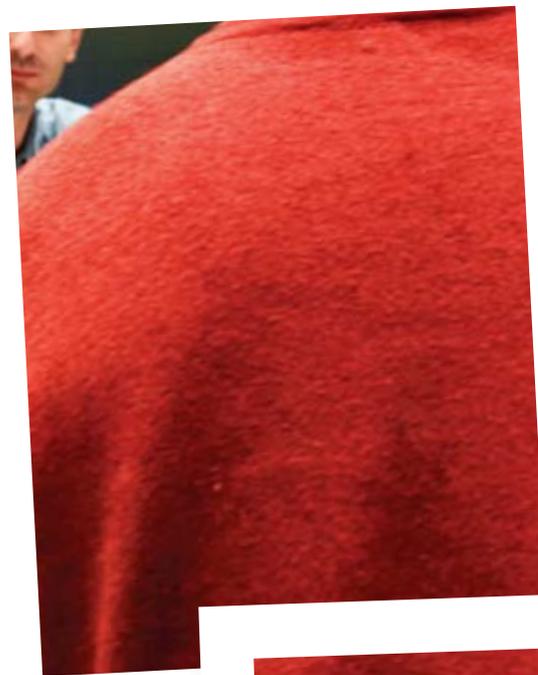
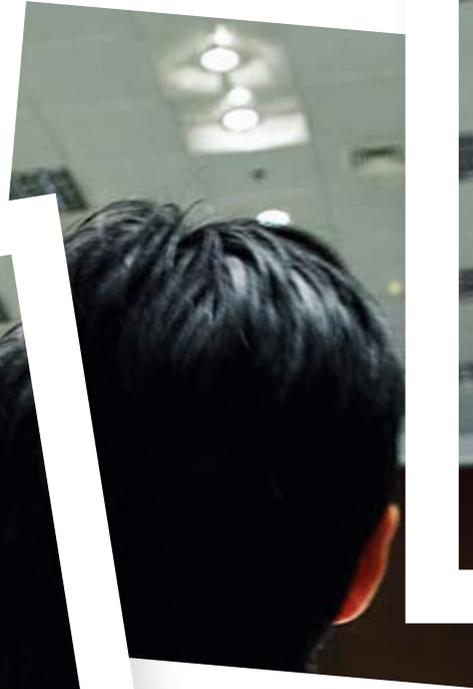
Essa é uma faixa etária reconhecida pela baixa atuação política. É uma injustiça dizer que o problema é dos jovens. Os que foram jovens em 1970 hoje estão tão distantes da política quanto seus filhos. Os jovens ainda se mobilizam, mas não na política institucionalizada. O problema é atrair de volta para a política a indignação que ainda existe na juventude. E que hoje eles manifestam por meio do hip-hop, de comunidades na internet, de saraus de poesia na periferia. Mas o jovem é perfeitamente capaz de voltar a identificar na política o lugar aberto para os seus sonhos, ideais e revoltas, mesmo na política como ela é. Primeiro, é preciso usar melhor os espaços de participação e garantindo que eles existam. Tem que ter conselho de escola, grêmio. E, no mínimo, traduzir a política para as pessoas. Porque a política é de fato um dialeto.

O que senhora acha do ciberativismo? A candidatura do Gabeira foi super ciber. Eu li um texto muito legal, que dizia: “Eduardo Paes perdeu a eleição”. Gastar o dinheiro que ele gastou para fazer uma campanha de golpes baixos e, ainda assim, só ganhar do Gabeira por 50 e poucos mil votos é uma derrota. O ciberativismo tem sua importância, seu papel, tem seus defeitos e limites. É tão fácil espalhar uma campanha com fatos verídicos quanto com fatos distorcidos. É o mesmo trabalho.

Uma das características do ciberativismo é não dar trabalho. Basta um clique. É contraditório um ativismo sem esforço? Se ele se achar o maior, é.

Uma vez eu ouvi uma história do Betinho, em uma reunião da Ação da Cidadania. Alguém reclamou da não-participação da população. Aí o Betinho falou: “Peraí, cada um tem seu papel. Você sai pedindo. Tem quem escuta e faz doação. Outro não faz doação, mas passa adiante”. Às vezes, com o bendito clique, você consegue 20 mil cliques e um espaço na CBN. O efeito multiplicador é muito interessante, mas continuamos dependendo da mídia tradicional em alguns pontos.

A idéia da sustentabilidade tem algum peso na hora de o eleitor decidir o voto? Quando ele entender exatamente o que isso significa, sim. Para começar, associa-se sustentabilidade à questão ambiental e esse é só um dos pontos. Para muitos, meio ambiente ainda é um obstáculo ao progresso, à felicidade, à garantia universal de direitos. É uma loucura completa, mas é uma idéia que prosperou. Assim que as pessoas entenderem que a sustentabilidade é o princípio óbvio de qualquer coisa, da compra no supermercado à gestão pública, vai virar natural. Porque, se as coisas não forem sustentáveis, então pra quê? Pra quem e por quanto tempo? Os jovens sacam essas coisas. Olham pra frente e falam: “Meu Deus, onde isso vai dar?” Tem um caldo de cultura novo que está vicejando.



POR **Amália Safatle**

Círculo expandido

Conversar, sonhar, fazer o destino. A Investigação Apreciativa, metodologia aplicável a empresas, organizações, governos e até encontros – como os do Global Forum –, coloca cada indivíduo como parte intrínseca da mudança na sociedade



A ferramenta propõe valer-se dos pontos fortes de cada um para projetar o futuro desejado e agir de modo a realizá-lo

Lembram-se de um dos princípios da Teoria do Caos, segundo o qual o bater de asas de uma borboleta poderia provocar um tufão do outro lado do mundo? O tal Efeito Borboleta, que ajuda a explicar sistemas complexos e dinâmicos, mostra como a ação e a interação aleatórias de elementos determinam certos resultados. E, de alguma forma, inspira o que se conta aqui.

Em 20 de novembro, em São Paulo, os participantes da conferência latino-americana do Global Forum – Chamada para a Ação sentam-se a mesas-redondas em um amplo salão; a idéia é formar vários grupos de seis. Em algumas sobra gente, em outras falta, mas, depois que os grupos são enfim rearranjados, é hora de celebrar. Uma moça de voz suave percorre as mesas e canta *I have a gift to the circle (Eu tenho um presente para o círculo)/ You're the gift (Você é o presente)/ You're the circle (Você é o círculo)/ You're the gift to the circle (Você é o presente para o círculo)*, alternando, randomicamente, sujeitos e predicados.

No centro de cada mesa, há um pote cheio de doces coloridos – “confetes”, para as gerações mais velhas, “m&ms”, para as mais novas. Sim, pois adolescentes sentam-se ao lado de adultos de 20 a 70 anos, em uma miscelânea formada por estudantes do ensino médio e superior, executivos, educadores, pessoas do poder público e de ONGs, professores e muitos blogueiros. É o começo de um *workshop* de dois dias, e etapa de uma série de encontros criados pelo Business as an Agent of World Benefit (Negócios para um Mundo Melhor), um movimento que tomou formas mais oficiais na Case Western Reserve University, de Cleveland, nos EUA.

Sons do silêncio

Vamos conversar é a senha estampada em cartazes, cadernos, crachás. Mas as conversas só seriam possíveis com senhas também para o silêncio. Abaixo a hierarquia das reuniões convencionais de trabalho! Cada pessoa precisa ser ouvida, em duração de tempo igual para todos, enquanto os demais se calam. Basta um sinal: alguém ergue o braço e com a outra mão tapa a boca. O colega do lado faz o mesmo, depois o seu vizinho, e a onda de silêncio se propaga por todo o salão, para



que se ouça a voz da vez. “A forma como conversamos com o outro é o começo da conversa”, diz Ronald Fry, da Case University, que conduz os trabalhos.

No início, essas conversas acontecem aos pares. A menina loira de presilha amarela da mesa de número 22 narra a sua mais marcante experiência como “líder de uma mudança positiva”, entendendo líder como “qualquer pessoa que queira fazer a diferença, neste momento”.

Ela se chama Adriana Saler, tem 14 anos, cursa o ensino médio na Escola Pueri Domus e mora em Aldeia da Serra, a 30 e poucos quilômetros de São Paulo. Conta quando teve de fazer um trabalho de Matemática com um colega, nas suas palavras, de menor escolaridade. Ele havia entrado há pouco tempo na turma, vindo de Ribeirão Preto (SP), e nem sabia falar inglês, assinala Adriana, espantada.

Seu medo, além de tirar uma nota baixa, era conviver com o diferente. Mas ela reconhece que a experiência modificou seu jeito de ser. Passou a considerar e respeitar o outro, conheceu realidades diversas de um mundo cor-de-rosa, percebeu como era elitista e teve de administrar um choque cultural. “Aprendi a ser menos mimada”, conta.

A experiência de Adriana, assim como a de todos, é então relatada para a mesa. Os seis integrantes consolidam os pontos em comum a todas as narrativas e os sintetizam. Respeito à diversidade, vontade de se integrar, esforço pessoal para disseminar idéias de sustentabilidade, autoconfiança, entre tantos outros. Estamos na fase da Descoberta, a primeira etapa de uma metodologia chamada Investigação Apreciativa – desenvolvida por Fry juntamente com outro professor da Case University, David Cooperrider –, que se propõe a apreciar, valorizar, os pontos fortes de cada

indivíduo, de cada iniciativa, de cada organização. E que é aplicada nesse evento.

Desses pontos positivos, daquilo que as pessoas têm de melhor a oferecer, é que devem surgir as aspirações, o que se imagina

para um futuro melhor – a etapa do Sonho. A partir do sonho se construirá um plano de ação para atingi-lo – é a vez do Desenho –, e então vai-se chegar aos resultados, com iniciativas e implantação de projetos pilotos – é a fase final do Destino. São os chamados 4Ds: *discovery, dream, design e destiny*.

A consistência dos sonhos

As mesas são agrupadas, e dali sai uma consolidação ainda maior sobre as descobertas. É hora de sonhar – e colorido. Tintas, massinhas, papéis de diferentes texturas, fitas e barbantes dão forma às aspirações por meio de cartazes, esculturas, performances, nos quais se visualiza o mundo ideal daqui a dez anos, sem julgamentos, sem cerceamento de idéias. A partir daí, já dá para traçar as ações. Reformar a grade curricular das escolas para inserir sustentabilidade no ensino. Estimular a criação de empregos “verdes”. Fazer campanhas de boicote ao consumismo. Pipocam propostas e todas são escritas no mural, para serem votadas. Cada participante tem cinco adesivos para colar ao lado das que mais agradam.

Escolhidas, começa a etapa do Destino. As pessoas são rearranjadas em novos grupos e novamente se valem de todo material gráfico para dar forma aos projetos pilotos. Os projetos são enfim consolidados e sintetizam o resultado do Global Forum América Latina. A próxima fase é realizar encontros na Amazônia e no Nordeste, em João Pessoa. E, em seguida, unir a voz latino-americana com as das demais regiões durante o Global Forum mundial, marcado para junho que vem, em Cleveland.

O que começou na voz das *Adrianas* toma corpo e proporções globais. As asas da borboleta, que cada um dos participantes fez bater, influi de alguma forma

em um movimento maior em outra parte do mundo, de maneira espontânea e aleatória. No caminho reverso, tudo o que foi discutido para compor uma pauta global volta ao local. Cada indivíduo usa a experiência trocada com a coletividade – o par, a mesa, a plenária, a região – para aplicar na sua vida pessoal, na organização, na escola, na empresa, no governo.

Segundo Ronald Fry, a prática da Investigação Apreciativa, que a seu ver ainda está na infância, promete ampliar os círculos de diálogos para grupos de cem, mil e mais de mil, com relacionamentos no espaço cibernético chegando aos milhões. “Em vez de negativismo, críticas e cinismo, haverá descoberta, sonho, desenho e destino, e então estaremos realmente preparados para viver sem limites para a cooperação.”

Rodrigo Loures, que preside a Federação das Indústrias do Estado do Paraná, dirige a empresa Nutritional e foi responsável por trazer o Global Forum ao Brasil, em 2008, afirma que o diálogo que surge da Investigação Apreciativa é capaz de aproximar líderes de credos diferentes. “Trata-se de eficaz ferramenta para a solução de conflitos.”

Seria interessante, portanto, ser aplicada entre países, em busca de uma agenda cooperativa para enfrentar questões globais como a da mudança climática, por exemplo? “Infelizmente, na cena política impera um jogo de forças baseado no espírito de competição, e não de cooperação”, afirma.

Sem zona de conforto

Já no mundo empresarial, a consultoria Atitude – Gerando Resultado Sustentável tem aplicado com frequência a metodologia com seus clientes, conta a sócia Angela Andreopoulos. Mas ela reconhece que essa aplicação requer enorme habilidade humana. A fase mais difícil, diz ela, é a do Sonho. “A maior parte dos clientes congela nessa etapa. Diria que 80% dessas pessoas simplesmente não têm sonhos para daqui a dez anos.” Não que as demais fases sejam fáceis: na Descoberta, os clientes conseguem muito mais reconhecer seus defeitos do que qualidades e competências, por incrível que pareça, conta ela.

A grande provocação que Angela vê na metodologia é tirar a pessoa de sua “zona de conforto”. É fazê-la reconhecer que os desafios pessoais influenciam o desenvolvimento das qualidades – muitas se emocionam com isso – e mostrar que não estão aí para discutir soluções de sustentabilidade: elas são parte da solução. Isso traz toda uma nova perspectiva, que pega fundo no âmago de cada um. É como cantava a moça: *você é o círculo,/ você é o presente para o círculo/*. **P22**



| POR Ricardo Barretto FOTOS Edson Luciano

Tomar corpo

O espetáculo *O Ilha* lança um olhar sobre o corpo e seu entorno para buscar novas possibilidades para as artes cênicas. Dirigido por Marcos Sobrinho, com o Núcleo de Dança e Performance, é inspirado na obra do artista plástico José Leonilson, em textos de Hilda Hilst e em ambientação sonora especialmente composta por Sérgio Villafranca

É intrínseco às artes o potencial de ser ao mesmo tempo o reflexo de uma época e a expressão de anseios por coisas de que se sente falta ou por mudanças para o que não tem mais sustentação na sociedade. Há quem diga que as artes cênicas passam por um momento de crise, presas a formatos ultrapassados. Assim como na crise provocada pelos excessos da humanidade, seja na economia, na relação com o ambiente seja no individualismo, o incômodo parece generalizado. Como se tivéssemos nos tornado ilhas sem comunicação, enclausuradas em universos particulares.



A dificuldade em achar novos caminhos é inegável.

*As tentativas por vezes são confusas e seus impactos, incertos.
Mas ousar é fundamental.*

A dança contemporânea procura frestas por onde se esgueirar em direção ao desconhecido, sem pudor de misturar à relação do corpo no espaço linguagens e conhecimentos outros. As hierarquias não cabem mais. Na fusão entre artes plásticas e dança, por exemplo, é desnecessário que se imponha uma sobre a outra – as fronteiras podem ser abolidas. O que surgirá de tal redesenho ainda é incógnita.



O público não deve ser subestimado e, sim, instigado.

Não é preciso rótulo ou que se evite a abstração. Apenas que a comunicação com a obra deixe claro o olhar que se lança sobre o ser humano e seu entorno.



POR **Amália Safatle**

Pela arte por toda parte

Assim que terminou de conceder esta entrevista, o historiador e professor Nicolau Sevcenko perguntou se tinha sido muito pessimista. Afinal, concluiu que em um momento de crises globais, como este, a arte mais que nunca é essencial para dar perspectivas de futuro – no entanto, jamais foi tão sufocada por um mercado dominado por concentrações de riqueza e poder. Junte-se a este quadro um esvaziamento da educação no País e uma participação popular que anda em descompasso com a dinâmica imposta por tecnólogos. Mas Sevcenko também deu pinceladas claras na tela sombria: propõe reformular currículos escolares, promover uma educação aberta para a comunidade, a cidade e as dimensões globais, *empoderar* as novas gerações para criar canais de comunicação mais arejados e estimular a mídia a divulgar variadas e descentralizadas manifestações de arte.



BRUNO BERNARDI

O escritor e ensaísta austríaco Karl Krauss disse que a “arte é aquilo em que o mundo vai se transformar, não aquilo que o mundo é”. O que a arte teria a dizer sobre o mundo que virá? Que mundo é esse que a arte esboça? Uma das dimensões da arte é projetar expectativas das pessoas como caixa de ressonância dos sonhos da coletividade, de todas as carências, tanto as do artista como as do público que vai buscar aquilo que falta em seu dia-a-dia, e cobrir as lacunas das relações com outros seres. Há momentos em que a arte tem um papel importante a cumprir e espaço maior para operar, e outros em que recua. Neste de crise, a arte seria mais importante do que nunca para dar possibilidade de operar nossas perspectivas de futuro. No entanto, vivemos nas últimas três, quatro décadas, uma absorção castradora das artes pelo mercado. A dinâmica da economia tornou-se preponderante sobre os fatores que deveriam ser críticos e *desejantes* da produção artística, hoje muito mais voltada para corresponder às demandas do mercado e se articular com modos de operação mercadológicos do que de preencher seu papel com autonomia e interlocução crítica com a realidade.

O Renascimento se deu a partir de um momento de “escuridão”. Hoje, com as crises globais, não devíamos estar em um processo de renascimento também? O Renascimento é a gênese da identidade da arte na sociedade ocidental moderna, mas tinha um drama, que era a dependência do mecenato e que tornava a arte socialmente marcada e articulada com as camadas dominantes, como o Estado centralizado em formação e a Igreja, que ainda exercia papel decisivo na política européia. Isso até pelo menos o

Romantismo, quando os artistas começam a tirá-la desse estado de dependência. O que era muito difícil, pois a produção artística sempre foi muito cara. A única forma de o artista tentar se desprender de focos de poder seria, como tentaram os românticos, criar um público consumidor de arte que desse possibilidade de interlocução direta com a coletividade, o que de certa maneira foi possível, mas ainda era voltada para um público de elite. Foi só no começo do século XX que a erupção da arte moderna permitiu a grupos de artistas abrir mão de processos custosos, materiais nobres e criar um tipo de expressão artística que pudesse se valer de todo e qualquer elemento do cotidiano – objetos catados nas ruas, embalagens. Assim também tiraram a arte da academia e dos museus e a trouxeram para as ruas, para o espaço público, para a interação com as pessoas no seu dia-a-dia. Aí que os artistas ganharam a possibilidade de propor suas próprias agendas e ter participação mais significativa no debate cultural que visava uma transformação da sociedade. Isso teve altos e baixos. No período entreguerras, há uma expansão da arte de massas dominada pelo Estado ou pelos partidos. Depois da guerra, há um período de grande autonomia e experimentação. Mas, a partir do final dos anos 70, acontece uma captação quase irreversível nas cadeias do mercado, e hoje a arte tem a maior dificuldade de se desligar desse jogo em que é sufocada, justamente neste momento de crise profunda.

Há manifestações artísticas que conseguem manter-se autônomas, ou este é um fenômeno marginal demais? É objeto de debate artístico e estético como conseguir uma arte socialmente significativa sem ser cooptada por partidos políticos, Estado, instituições, corporações ou o próprio mercado de arte. A produção artística realmente significativa é de quem tenta escapar dessas formas de enredamento e embotamento. Para citar um exemplo, o grupo inglês Regain the Streets, ou Retomar as Ruas, que nasceu no começo dos anos 80, é um coletivo de natureza ambiental e política urbana. Tem como objetivo recuperar as cidades devoradas pela ocupação do automóvel, que aciou as pessoas para dentro de suas casas e esgarçou a experiência do convívio na cidade, que é, provavelmente, a mais rica forma de interação da sociedade ocidental. Durante muito tempo, todas as experiências fundamentais, como a construção da democracia, das formas de política representativa, das lutas por direitos trabalhistas, foram forjadas nos grandes aglomerados urbanos, a cidade foi de fato o palco das instituições da democracia moderna e de consolidação da vida coletiva. O Regain the Streets trabalha para a valorização e ampliação do espaço público, praças, parques. É uma agenda social, mas a maneira de executá-la é pela arte e para a arte, com jogos de rua, construção de esculturas coletivas, teatro de rua, decoração de árvores. Isso para mostrar que o espaço público pertence à população e a mais ninguém, noção que foi corroída e chega a corromper a própria idéia de democracia.

O que o senhor pensa do convívio social cibernético, com a construção de redes de relacionamento e compartilhamento e o ciberativismo? E quanto às manifestações artísticas que podem se dar de forma barata e acessível por meio do computador? As tecnologias não são boas ou más por si mesmas, importa é o uso que se faz delas. Os recursos cibernéticos são um caminho para integração em escalas

nunca pensadas, que compartilham interesses, pontos de vistas, agendas de implementação de reformas sociais, e constituem ferramentas políticas da maior importância para uma democracia expandida, em escala global. Mas é uma área fortemente afetada pela publicidade, com uma agressividade também nunca vista antes e, além disso, tem uma limitação de profundidade e ação: é mais fácil ter ações propositivas e mecanismos de articulação, mas sem necessariamente conduzir a processos de reflexão de maior fôlego. A rede não é um lugar bom para se ler teoria. Ela pode estimulá-lo, mas você terá de se desligar dela para essa atividade. Se você se vicia na rede, dificilmente se dedicará a um estudo mais profundo e sistemático de grandes questões da humanidade. É preciso ter uma ligação criteriosa com esses recursos, porque eles têm a capacidade sufocante de absorver todo o seu tempo livre. Outro problema é o esvaziamento do tempo e do espaço. A rede é uma espécie de grande presente homogêneo, contínuo e desprendido de qualquer conotação local. O grande fenômeno dessa rede de comunicação integrada é permitir, por exemplo, que o globo inteiro assista à Copa do Mundo em tempo real, sem pagar ingresso. É fantástico, mas o preço é que cada vez mais se perde a noção de quanto é fundamental para cada pessoa ter um enraizamento no próprio tempo e espaço, com seu modo de vida, sua maneira de ser, a própria história, a da comunidade, o seu quadro de valores culturais. A tendência pela rede é que você perca tudo isso numa grande abstração geral muito marcada pelo entretenimento, uma espécie de *disneyficação* em escala global.

Que questão no Brasil o senhor elegeria como fundamental para ser equacionada e redesenhada? O resgate da dívida social? Sem dúvida é a pauta social. Saímos de um regime opressivo militar para cair nesse regime opressivo neoliberal, praticamente sem ter tido espaço para respirar e pensar em como construir uma democracia. Espero que, com a crise financeira, tenhamos a chance de fazer um recuo e retomar a vocação do nosso brilhante pensamento crítico. Entre as áreas que foram marginalizadas nesse processo neo-conservador, uma das funções de Estado esvaziadas foi a da educação. A educação sempre

teve papel central na agenda da mudança e na pauta dos direitos sociais e a redistribuição da riqueza. Ao lado da ética e da ecologia, é um dos

O movimento Retomar as Ruas mostra, pela arte, como o espaço público é da população e de mais ninguém

três grandes pilares dos grupos que mantiveram uma pauta reivindicatória no período neoliberal. Mais que nunca, esses pilares vão se tornar centrais no debate que se compuser após a turvação que a atual crise trouxe ao cenário.

O senhor uma vez escreveu que estaríamos no loop da montanha-russa, que pode ser considerado “a síncope final e definitiva, o clímax da aceleração precipitada, sob cuja intensidade extrema relaxamos nosso impulso de reagir, entregando os pontos, entorpecidos, aceitando resignadamente ser conduzidos até o fim pelo maquinismo titânico”. O que o senhor quis dizer com isso? Esse trecho foi extraído de um livro que fiz no final dos anos 90, *A Corrida para o Século XXI – No loop da montanha-russa*. A idéia que quis reforçar é que ao longo do século XX houve um processo de aceleração tecnológica que ganhou uma dinâmica própria, de modo que os seres humanos não têm mais condições de se manter atualizados com esse moto-contínuo. A tecnologia está sempre na frente, você tenta ir atrás e compreender o que se passa, mas está sempre atrasado em relação a ela. Quem pauta sua vida são os tecnólogos e, como você não tem a mesma compreensão e velocidade de entendimento, está sempre em um processo de perda. Então, a democracia torna-se obsoleta em relação à dinâmica da tecnologia, da engenharia, da cibernética. Esse descompasso colocou a democracia em uma situação subalterna e incompetente para lidar com o processo em curso. Daí o título do livro, a gente vive uma situação de vertigem, como a de montanha-russa, de perda do controle do mundo ao redor. Hoje a nossa pauta política está perdida em algum ponto dos anos 1970 e não tem mais contato com o que estamos vivendo na primeira década do século XXI.

E a saída qual é? Primeiro, dar-se conta de que esse descompasso existe e se expande, e que a gente precisa abrir canais, criar nexos, recompor o processo de educação, reformular os currículos escolares, reformular a maneira como as crianças são educadas, para não restringir o ensino à sala de aula. A educação tem de ser aberta para a cidade, para a comunidade e para as dimensões globais. As nossas pautas educacionais nas escolas primária, secundária e superior são praticamente as do início do século XX. Algumas do final do século XIX! É preciso que novas gerações, mais

afinadas com essas tecnologias, fiquem mais presentes nos conjuntos decisórios e tornem esses canais mais comunicantes e arejados. É uma pauta de mídia e longa duração, mas, quanto mais rápido for percebida e maior for o alarme de que a situação favorece monopólios de informação, privilégios e concentração de renda, mais é possível reformular o quadro. Nesse sentido, o papel da imprensa e de uma revista como PÁGINA 22 é evidente, para trazer esse debate ao espaço público.

A produção de conteúdo de forma descentralizada, compartilhada e interativa, que a tecnologia também permite, seria um caminho para essa democratização, que antes teria de vencer a exclusão digital? É de esperar que o acesso à internet também se democratize. Um dos elementos da nossa agenda social é o acesso à rede, que pode criar canais paralelos que compensem a maneira como a grande mídia centraliza e monopoliza determinados temas e contextos. A arte, por exemplo, vive em um círculo fechado, que diz respeito aos vínculos dos artistas com galerias, curadorias, museus, setores da crítica e processos de *merchandising* que ganham ressonância pela mídia, que projetam certos artistas, estilos, obras, enquanto ignoram outros grupos, manifestações, entidades e linguagens. A rede pode trazer essa informação paralela e dar a ela uma visibilidade até capaz de competir com o grande circuito artístico, mas que nunca vai abalá-lo.

Como o artista que não se vincula ao mercado pode sobreviver? Quando o artista se conecta ao mercado de arte, ele se descaracteriza instantaneamente. Quer ver o lado oposto disso? No final dos anos 90, eu tinha um compromisso acadêmico na Universidade de Nova York e aproveitei para ver o que havia nas exposições pela cidade. Estava meio entediado, porque tudo é “a maior exposição de Picasso”, “os Matisse que nunca foram a público”, aquele repertório pisado e repisado, mas escalonado em uma dimensão mega, em um museu mega, em um prédio mega e com uma megalojinha na saída. E fui ao Whitney Museum, onde tinha a exposição de dois fotógrafos de grande reputação. Quando entrei no prédio, aparecia no diretório uma sala chamada Inferior. Era de fato muito pequena, no porão, onde ficava a reserva técnica. Nem constava na *Time Out*, mas lá tinha uma exposição de papel produzido de legumes e hortaliças feita pelo John Cage e seu parceiro amoroso, Merce Cunningham. Pacientemente, produziram um papel de textura rugosa, cheia de interferências, com enorme requinte. E era um papel comestível, desenhavam com tinta também comestível e a pessoa provava. Se eles fizessem uma pintura nesse papel, congelassem e dessem para um museu ou galeria, ganhariam centenas de milhares de dólares. Mas a idéia era: desenhavam e serviam para quem comesse na hora, de forma que não ficasse rastro algum, a obra tinha de ser inteiramente digerida. O empenho de artistas como eles, que já têm um nome e não precisam correr atrás da grana, foi de não deixar o mercado os capturar! Foi a coisa mais impressionante que vi em Nova York naquela temporada, e não tinha destaque nenhum na imprensa. Então, qual é o sentido da arte? Essa delicadeza. A fragilidade daquela coisa quase oriental – a base é o papel de arroz, com uma pintura caligráfica – foi usada como um aríete para detonar o mercado e mostrar o quanto a arte virou uma massa de mistificação, transformada e especulada como mera *commodity*. Um mercado igualzinho ao Nasdaq.

| POR Ricardo Barretto

Semear cidades

Ao buscar novas formas de usar o território e os recursos naturais, o projeto da tecnofloresta planeja áreas de recomposição florestal que crescem junto com núcleos urbanos

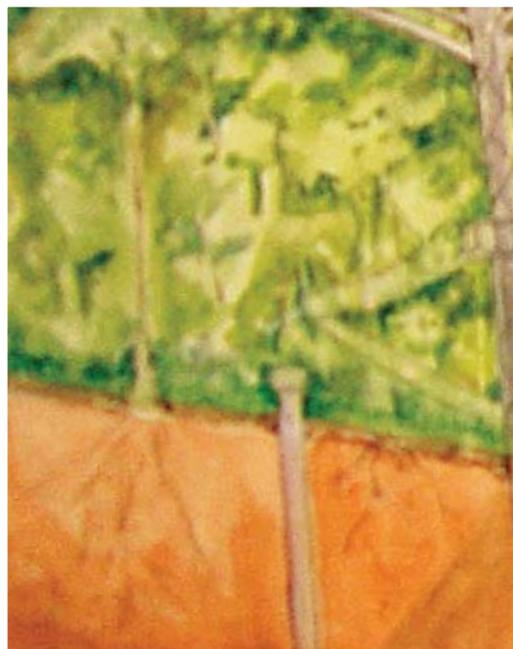
Construir novas cidades em um mundo no qual a dinâmica urbana é caracterizada mais pelo adensamento de núcleos existentes do que pelo surgimento de novas aglomerações pode parecer estranho. Mas, se a idéia é trilhar um caminho diferente daquele aberto nos últimos séculos, em que o estabelecimento de vilas e cidades significou a supressão de áreas de florestas e a degradação dos recursos naturais, o resultado pode ser uma tecnofloresta.

“Dentro de um projeto de reflorestamento, é possível conjugar os bens que a floresta produz com o desenvolvimento do século XXI”, afirma João Lutz Barbosa, pesquisador da área de Inovação Tecnológica e Organização Industrial, do Programa de Engenharia de Produção do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia (Coppe), da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Integrante da Associação para o Desenvolvimento de Pesquisa em Design, Lutz é um entre vários pesquisadores – arquitetos, designers de produto, ilustradores, professores, biólogos, engenheiros e, futuramente, antropólogos – dedicados ao projeto. Mais do que redesenhar, diz ele, o importante é planejar, projetar. “Projetar tem a mesma raiz de projétil, aquilo que se coloca no futuro”. Por isso a tecnologia pode e deve ser usada não só para recuperar ecossistemas e seus serviços ambientais, por meio da recomposição da vegetação nativa, mas para orientar a ocupação humana do mesmo espaço. Eis então a tecnofloresta.

Imaginação e roteiro

Quando o projeto é inédito, uma boa dose de imaginação ajuda a estruturar um roteiro de ação. No caso da tecnofloresta,



Um protótipo do projeto, que conjuga os produtos da floresta com o desenvolvimento do século XXI, será construído em Arapeí, Vale do Paraíba

o exercício começa com discussões sobre a idéia e prossegue com as visualizações – primeiro em desenho, depois em maquetes.

A idéia é criar comunidades com cerca de dez famílias, cada uma em média com cinco pessoas, diz Lutz. Cada núcleo contaria com posto de atendimento médico, escola, centro cívico, área de plantio ou de criação de animais domésticos e área para reintrodução de animais silvestres. Além disso, é preciso conjugar o desenvolvimento da floresta e da vila com atividades que já fazem parte do cotidiano das populações locais. Afinal, são os moradores das comunidades, interessados em novas formas de sustento – produção para consumo, manejo de recursos naturais – e em recuperar áreas degradadas, os futuros ocupantes da tecnofloresta.

Surgem aí o terceiro e o quarto passos da empreitada: comprometer parceiros e detalhar materiais, técnicas e estratégias de sustentabilidade. O convívio com a floresta, lembra Lutz, não depende apenas de bens associados aos ecossistemas – produtos de extrativismo, créditos de carbono, água para beber, terra pra plantar. “Existe um fator primordial, que é o viver na floresta”, diz. “Havia um conhecimento ancestral de como operar esse convívio, mas ele vai se perdendo com o tempo.”

O fator tecnológico da experiência une os saberes científicos – pesquisa de materiais, *design* do espaço, tecnologias da informação e técnicas de produção sustentável – a modos de respeitar os limites biológicos



da floresta, transmitidos de uma geração a outra. Daí a importância do processo participativo envolvendo os pesquisadores e as comunidades para levar a proposta adiante. Já existe data e local para dar início ao projeto: fevereiro de 2009, Vale do Paraíba.

Vida nova a cidades mortas

O Vale do Paraíba abrange partes do Leste do Estado de São Paulo e do Oeste do Rio de Janeiro, e abriga a Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul. Expoente da produção de café até o início do século XX, a região entrou em decadência com a crise financeira de 1929. Arapeí, Areias, Bananal, São José do Barreiro e Silveiras, outrora bases de extensas plantações e casarões do café, ganharam do escritor Monteiro Lobato o apelido de “cidades mortas”. A partir dos anos 50, a indústria se desenvolveu na região, mas as cidades ficaram à margem e mantiveram a agropecuária familiar e alguma atividade turística na base da economia.

“A pobreza é sem dúvida grande devastadora do ambiente natural, tal como a ganância”, declara Lutz sobre os dois extremos em que viveu a região. Anos de exploração intensiva da terra levaram à forte degradação ambiental, justamente na região que borda os parques nacionais da Serra da Bocaina e de Itatiaia e abriga as nascentes do Rio Paraíba. Os sinais de erosão e esgotamento do solo, a falta de matas ciliares que protegessem o rio e a contaminação de suas águas chamaram a atenção dos educadores, que, em 2005, passaram a atuar na região em parceria com o Núcleo de Pesquisa em Design, da UniverCidade.

Eles desembarcaram ali para participar do projeto Sala Verde, programa do Ministério do Meio Ambiente para a educação ambiental de comunidades carentes, em parceria com escolas públicas, proprietários rurais, comunidades ribeirinhas, artesãos locais e indústrias. “Com o convívio, percebemos que a região tem elementos interessantes, como o passado histórico e remanescentes importantes de Mata Atlântica, além da estagnação econômica”, afirma Lutz, citando Arapeí, município com o menor índice de desenvolvimento humano do Estado de São Paulo.

A relação com a comunidade em Arapeí ajudou a mostrar possíveis caminhos para a tecnofloresta. A Sala Verde Sertões da Bocaina foi o ponta-pé inicial, conta Lutz, com o desenvolvimento de projetos, exposições, cartazes, palestras sobre a História do Brasil, cursos para a formação de monitores ambientais e reuniões sobre as vocações do município. As iniciativas

surgiram de uma demanda da população por projetos culturais e alternativas de trabalho.

“Queremos gerar conhecimento, e não que as pessoas sejam operadoras de uma técnica”, resume Lutz. “É assim que podemos chegar a um produto que tenha valor.” O projeto da Sala Verde em Arapeí segue até janeiro de 2009 e, depois, deve se multiplicar em outras cidades do vale.

As ações a serem transmitidas a outras comunidades são as mesmas que servirão de base para o processo de formação da tecnofloresta a partir de fevereiro: o desenvolvimento com a população de novas formas de uso de recursos naturais no artesanato e de alternativas sustentáveis para os produtores rurais, além do planejamento turístico voltado para a valorização do ambiente natural. A tecnofloresta deve sair do papel em uma área degradada, fora do núcleo urbano de Arapeí, que no futuro funcionaria como corredor ecológico entre os parques da Bocaina e de Itatiaia.

Projetar o futuro

Se vislumbrar a prática é importante, buscar parceiros é fundamental para chegar ao quinto passo: construir um protótipo. A região está cheia de potenciais apoiadores – CSN, Xerox, Eletronuclear – que, segundo Lutz, teriam interesse em colaborar para reduzir seu passivo ambiental, como a poluição do Rio Paraíba.

A Nokia já apóia uma pesquisa para projetar como estará a região em 2013 com as alterações ambientais e socioeconômicas previstas, uma delas a nova ligação rodoviária entre Rio e São Paulo. “Como será feita essa estrada? Haverá discussão pública?”, pergunta Lutz. “Pode trazer resultados positivos, mas também reproduzir o que vimos em outras regiões: a proliferação de postos de gasolina e bordéis.”

Alterações como as mudanças climáticas também precisam ser levadas em conta na hora de projetar, alerta o pesquisador, citando o australiano Tony Fry, teórico do *design*. “Sabemos que zonas costeiras serão inundadas, temos tornados e vendavais que não existiam antigamente, encontramos pássaros que não encontrávamos, os mosquitos chegam mais alto porque está menos frio.” E, para isso, não bastam os parceiros privados. “O poder público tem que usar os recursos para se antecipar, preparar um futuro melhor.”

Se o projeto da vila protótipo – com base na experiência em Arapeí – der certo, a tecnofloresta avançará para a última etapa: ampliar o círculo de parceiros e de comunidades que querem ver crescer não apenas cidades ou florestas, mas ambas em conjunto. **P22**

Trama verde | Em San José, a floresta volta à cidade, conecta espaços públicos e traz qualidade de vida

É comum que as grandes cidades dos trópicos guardem réstias das grandes florestas que cobriam o território antes da chegada do asfalto, dos arranha-céus e dos carros. Mas em geral elas estão confinadas a parques, transformam-se em áreas a serem visitadas e não fazem parte do cotidiano, e, portanto, da qualidade de vida, dos habitantes. Na contramão está San José, capital da Costa Rica, que decidiu se transformar em floresta urbana.

Aprovado pelo município no ano passado, o projeto do Instituto de Arquitetura Tropical (IAT) foi um de cinco escolhidos para representar a arquitetura sustentável na mostra *América Latina: Vistas y re-vistas de un continente*, na Bienal de Arquitetura de Veneza deste ano.

O projeto Floresta Urbana quer reflorestar a cidade, não plantando árvores aqui e ali, mas enchendo parques, calçadas, muros de um tecido vegetal que se infiltre no ambiente construído, dê conectividade aos espaços públicos e recupere, pelo menos em parte, funções ambientais prestadas pela floresta. A mata deixa, assim, de ser uma ilha verde sempre diminuta no meio do concreto. E a cidade volta a ser tropical.

Em 2007 e 2008 foram plantadas 27,8 mil mudas e, segundo o IAT, mais virão. “Transformar a cidade em floresta urbana permitirá fixar o CO₂ em sua origem, baixar a temperatura da ilha de calor e melhorar a qualidade de vida”, escreveu um dos autores do projeto, o arquiteto Bruno Stagno, no jornal costa-riquenho *La Nación*. – por Flavia Pardini

Por onde anda Chico Mendes?

Responsável pelo desenho de uma reforma agrária inovadora na Amazônia, o sindicalista morreu sem ver as reservas extrativistas. A maior homenagem a ele seria abrir uma grande conversa para atualizá-las

Minha primeira visita à casa onde viveu e morreu Chico Mendes foi em companhia de Raimundão, primo dele e vereador em Xapuri. Enquanto caminhávamos, Raimundão contava histórias engraçadas. Como a da noite em que ambos iam do Seringal Cachoeira para uma festa. “Pra se preparar”, começaram a tomar umas cachacinhas. Na hora de sair, Chico já estava meio alto e Raimundão ficou esperando ele melhorar. Enquanto isso, foi bebendo mais. Quando Chico melhorou, quem estava mal era Raimundão. Aí quem ficou esperando foi o Chico e, para resumir, quando chegaram à festa já era alta madrugada.

Ríamos quando chegamos à pequena casa de madeira, que parece um desenho infantil. Teto triangular e a frente um retângulo com duas janelas simétricas. Entramos, e a graça acabou. No ambiente de extrema simplicidade, mobiliado como se a família ainda morasse ali, o absurdo da morte e a grandeza da vida são uma coisa só. Inevitável pensar em tudo e todos que o Brasil já perdeu em sua trajetória errática que nunca

se delineia claramente, apesar do gritante potencial cultural, ambiental e geopolítico para ser diferente. A história da morte prematura de Chico Mendes faz parte.

Fomos ao fundo da casa, de onde uma escada leva ao quintal. Ali, na noite de 22 de dezembro de 1988, aos 44 anos, Chico Mendes foi assassinado com um tiro de escopeta. Saiu na primeira página do *The New York Times*. Só depois, diante da repercussão internacional, o Brasil acordou para a enorme perda que sofrera, de um líder capaz de impactar tão fortemente a maneira de ver a Amazônia e a noção de proteção ambiental. O paradigma socioambiental já estava delineado, por exemplo, na mobilização contra a poluição em Cubatão, mas teve seu impulso consolidador quando o movimento seringueiro demonstrou que tanto a defesa da floresta como a de um modo de vida eram uma coisa só.

Os peões e a floresta

Nos limites deste artigo, é importante lembrar dois legados de Chico: a postura

política e as reservas extrativistas. Não era homem de confrontos violentos. Numa entrevista, explicou os “empates”: “É se colocar entre os peões e a floresta e dialogar com eles para evitar o desmatamento”. Não era bom de discurso, gostava mais de conversa. Apreciava a diversidade de idéias, era articulador e mediador. Foi criticado por companheiros sindicalistas por se aliar a ambientalistas do Sudeste e de outros países, porque eles achavam que esse movimento era “coisa da direita”. Preciso de coragem para defender uma reforma agrária inovadora na Amazônia, baseada na manutenção da floresta e na conservação dos recursos naturais, por meio da exploração extrativista coletiva de territórios não vinculados à divisão em propriedades.

Só depois da morte de Chico Mendes foi criada a primeira reserva extrativista, a do Alto Juruá, no Acre. Desde então, elas se expandiram para outros estados da Amazônia, para o Cerrado, e mesmo para a região costeira, mas sempre debaixo de uma artilharia de críticas. As mais comuns



são de propalada inviabilidade econômica congênita, ineficiência produtiva, atraso tecnológico e difícil inserção no mercado.

Em conversa recente, a senadora Marina Silva levantou pontos importantes para atualizar o debate. De fato, as reservas apresentam diversos níveis de desenvolvimento e de problemas, alguns muito graves, por deficiências de gestão ou pressões externas. Mas há bons exemplos, como as reservas de Cachoeira e Cazumbá, no Acre.

Se se parte do pressuposto de que o objetivo do extrativista deve ser o de se

transformar em fazendeiro e acumular capital, jamais as reservas serão bem avaliadas. Se, ao contrário, são vistas como opção de vida de comunidades tradicionais associada à existência da floresta, a potencialidade do modelo é grande e pode realizar inúmeras sinapses modernas de sustentabilidade.

Uma chance às reservas

É muito cedo para anunciar o enterro das reservas extrativistas. Elas ainda não esgotaram a sua ousadia política e metodológica, mas precisam ser apoiadas e

nutridas. Deve-se também levar em conta que a mais antiga tem menos de 20 anos, enquanto a economia do *mainstream* conta com 500 anos de recursos financeiros, tecnológicos, subsídios e apoio político nem sempre bem explicado.

A oportunidade de crescimento e consolidação das reservas está vinculada à diversificação e à integração de atividades – extrativismo, artesanato, agricultura e outras – para garantir renda média satisfatória. Outras variáveis precisam ser discutidas. Não haveria homenagem maior a Chico Mendes do que abrir uma grande conversa sobre as reservas, um esforço para revitalizá-las e atualizá-las, sem perder seus valores de origem.

Já é hora de saírem da categoria de projetos piloto para ser objeto de política pública de gente grande. O caminho dessa transição foi desenhado nos últimos cinco anos, em um cabo-de-guerra intragoverno que chegou a bons resultados, porém, inacabados. Existe desde 2007 uma Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável para Povos e Comunidades Tradicionais, na qual as reservas extrativistas estão inseridas. O primeiro passo desse trabalho concretizou-se recentemente, com a assinatura do preço mínimo para os produtos extrativistas. Para ser para valer, falta ir adiante nas demais medidas traçadas.

P22

* jornalista e socióloga



**QUALQUER GOTTA PODE
SER A GOTTA D'ÁGUA.**

A Agnelo Pacheco é uma das primeiras agências no mundo a contar com uma área de assessoria em sustentabilidade. A inovação é fruto de um novo modelo de agência, desenhada para construir as marcas do futuro. A Agnelo sabe que posicionamento não se constrói apenas com discurso. Mas com ações focadas na sociedade. E as marcas de amanhã já estão praticando isso.

Sustentabilidade. A nova marca da Agnelo.

SP 11 3068-7266 • RJ 21 2542-1016 • DF 61 3224-4394

www.agnelo.com.br

AGNELOPACHECO
c o m u n i c a ç ã o

FOTOS Paula Cinquetti

Eu, tu, nós

Nos dias que antecederam a eleição do 44º presidente americano, uma sensação de coletividade emergiu dos rincões dos Estados Unidos para tomar as ruas de sua metrópole por excelência, Nova York. Da fantasia de Barack Obama usada na noite de Halloween ao incentivo a votar estampado até nas vitrines, os americanos pareciam unidos por um só coração. Até os eleitores do republicano John McCain, cujos comícios durante a campanha não foram tão inflamados quanto os do democrata Obama, saíram para o espaço público na última hora na tentativa de influenciar seus pares. E a festa definitivamente foi coletiva, depois de anunciada a vitória sólida de Obama. A fotógrafa paulistana Paula Cinquetti era mais uma de tantos na multidão e conta que, na Union Square, os foliões só se resignaram a ir para casa quando os policiais, madrugada já alta, lembraram: amanhã é um novo dia.



Descida da 7th Avenue em direção
à Union Square na noite da eleição

Fantasia de Halloween dentro do Metrô a quatro dias da eleição

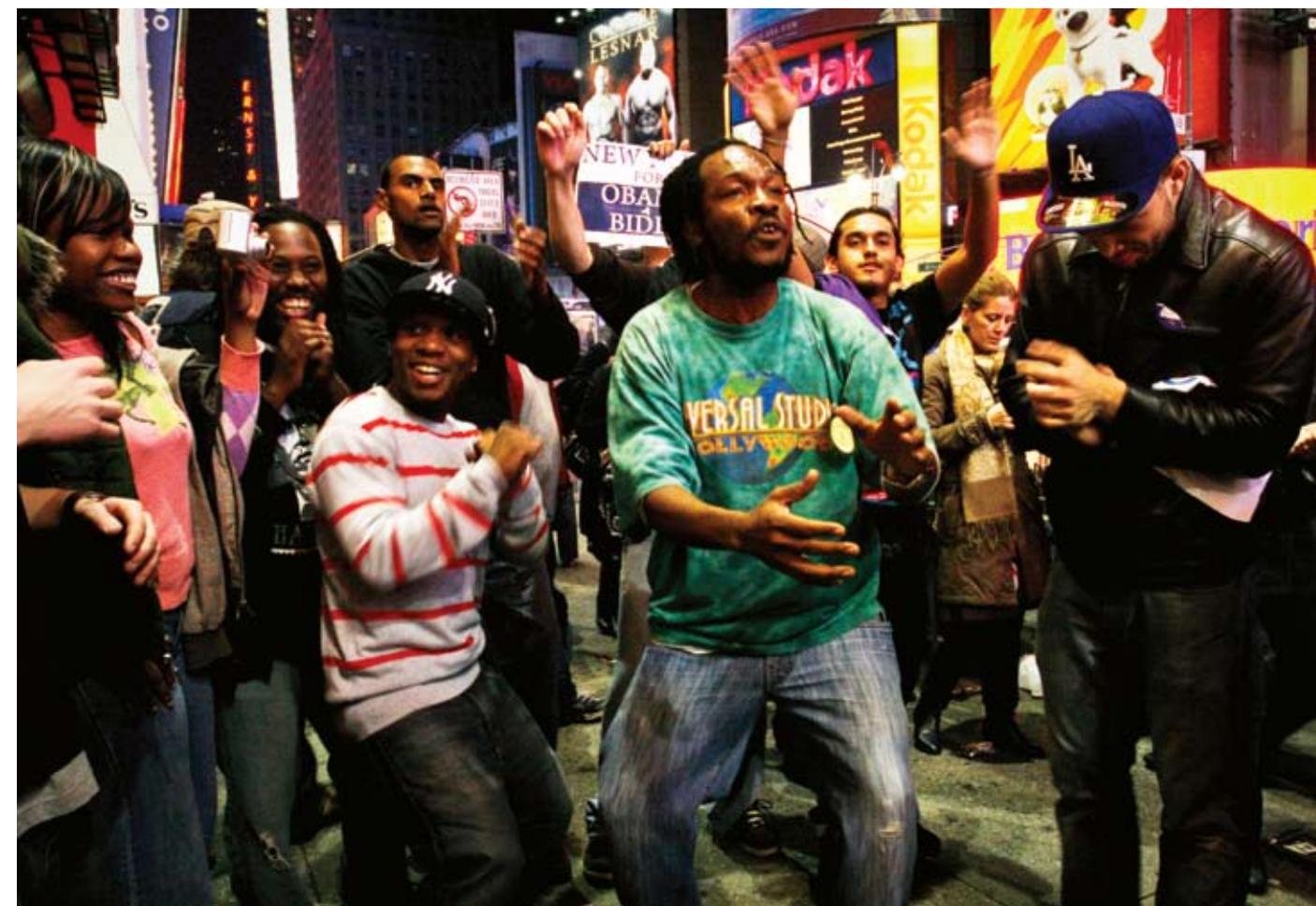


Apoiadores de John McCain três dias antes da votação nos subúrbios de Nova York





Festa na Union Square, depois de anunciado o resultado da eleição



Alegria e luzes para saudar o presidente-eleito Barack Obama em Times Square

Obama, o quase-ambientalista

O meio ambiente foi onipresente durante sua campanha e reafirmado como prioridade após a eleição. Que venham os próximos quatro anos

É agora ou nunca. Barack Obama tem credenciais para ser o ambientalista mais poderoso de que já se teve notícia.

Vamos aos fatos. Evidências de envolvimento com a causa ambiental não são novidade na carreira do presidente eleito americano. Quando estudava na Universidade Columbia, nos anos 80, ele trabalhou na promoção da reciclagem de lixo entre estudantes de minorias. Eleito senador, apadrinhou projetos para banir a presença de chumbo em brinquedos e nas paredes

de creches e escolas, para promover os biocombustíveis, por maior controle do descarte de resíduos nucleares.

No ano passado, interrompeu a campanha pela candidatura democrata à Presidência para voltar a Washington e votar um projeto favorável às energias renováveis.

Obama tem, até mesmo, razões pessoais para se engajar. Sua filha mais velha, Malia, tem asma crônica, fato que ele costuma citar quando explica as muitas iniciativas que liderou no combate à poluição

atmosférica na sua base eleitoral, o estado de Illinois.

O tema ambiental foi onipresente durante sua campanha. Obama deixou claro que atribui peso semelhante aos três grandes desafios enfrentados pelos Estados Unidos: “Duas guerras, o planeta em perigo e a maior crise financeira do século”.

Também fez referências freqüentes à relação intrínseca entre os mundos econômico e natural, à necessidade de dar um viés ecológico à economia, às reais prioridades da sociedade. Uma declaração, em 2007, durante encontro ecumênico sobre mudanças climáticas, ilustra sua visão: “Não seremos bons gerentes da Terra criada por Deus se colocarmos o lucro à frente do futuro do planeta”.

Por essas e outras, ganhou apoio expressivo dos ambientalistas americanos e da League of Conservation Voters (LCV), lobby ambiental com foco no Congresso. “Em mais de vinte anos de carreira, Obama foi, de longe, um dos políticos mais convincentes e mais conhecedores da questão ambiental que conheci”, disse dele Mark Longabaugh, antigo dirigente da LCV.

Teste de Rorschach

Pode até parecer, mas o homem não é perfeito. Obama apóia a construção de usinas nucleares – embora fale na necessidade de investir na segurança da operação e do descarte de resíduos – e sua campanha recebeu pelo menos US\$ 160 mil de executivos e empregados da Exelon, a maior operadora do setor.

Além disso, em 2005, votou a favor da

lei que viria a definir a política energética do governo Bush, criticada por grupos ambientalistas. Obama declarou, na época, que aprovara o texto, francamente pró-petróleo e com previsão de enormes subsídios para energias não-renováveis, porque ele também abria espaço para dois de seus xodós: o etanol à base de milho e o “carvão limpo”, com baixo teor de enxofre. Diga-se de passagem, duas fontes de energia que não são unanimidade entre a turma ambiental.

Além disso, Obama costuma a ser comparado às figuras de Rorschach, aqueles borrões usados em testes psicológicos em que cada um vê o que quer. Ele é notório pelo seu caráter conciliador. É um homem silencioso, que busca absorver ao máximo o que seus interlocutores têm a oferecer. Essa atitude respeitosa seduz inúmeros grupos, inclusive o dos ambientalistas, que tendem a ver nele um dos seus. O que não significa, necessariamente, que ele o seja.

Hora da ação

Como tudo isso refletirá na gestão Obama? Vejamos o que diz seu programa ambiental. Obama prometeu investir US\$ 150 bilhões em renováveis ao longo de dez anos, como parte do plano para tornar os Estados Unidos independente do petróleo do Oriente Médio e da Venezuela. Até 2012, ele espera que 10% da eletricidade se origine de fontes renováveis, sobretudo solar, eólica e geotérmica. Até 2050, a meta é chegar a 25%. O presidente eleito também quer reduzir o consumo de eletricidade em 15% em relação aos níveis projetados para 2020. Em decorrência dessas e outras medidas,

espera que as emissões de gases estufa tenham uma redução de 80% até 2050.

Segundo os cálculos de sua campanha, os investimentos na sustentabilidade da matriz energética permitiriam criar 5 milhões de empregos.

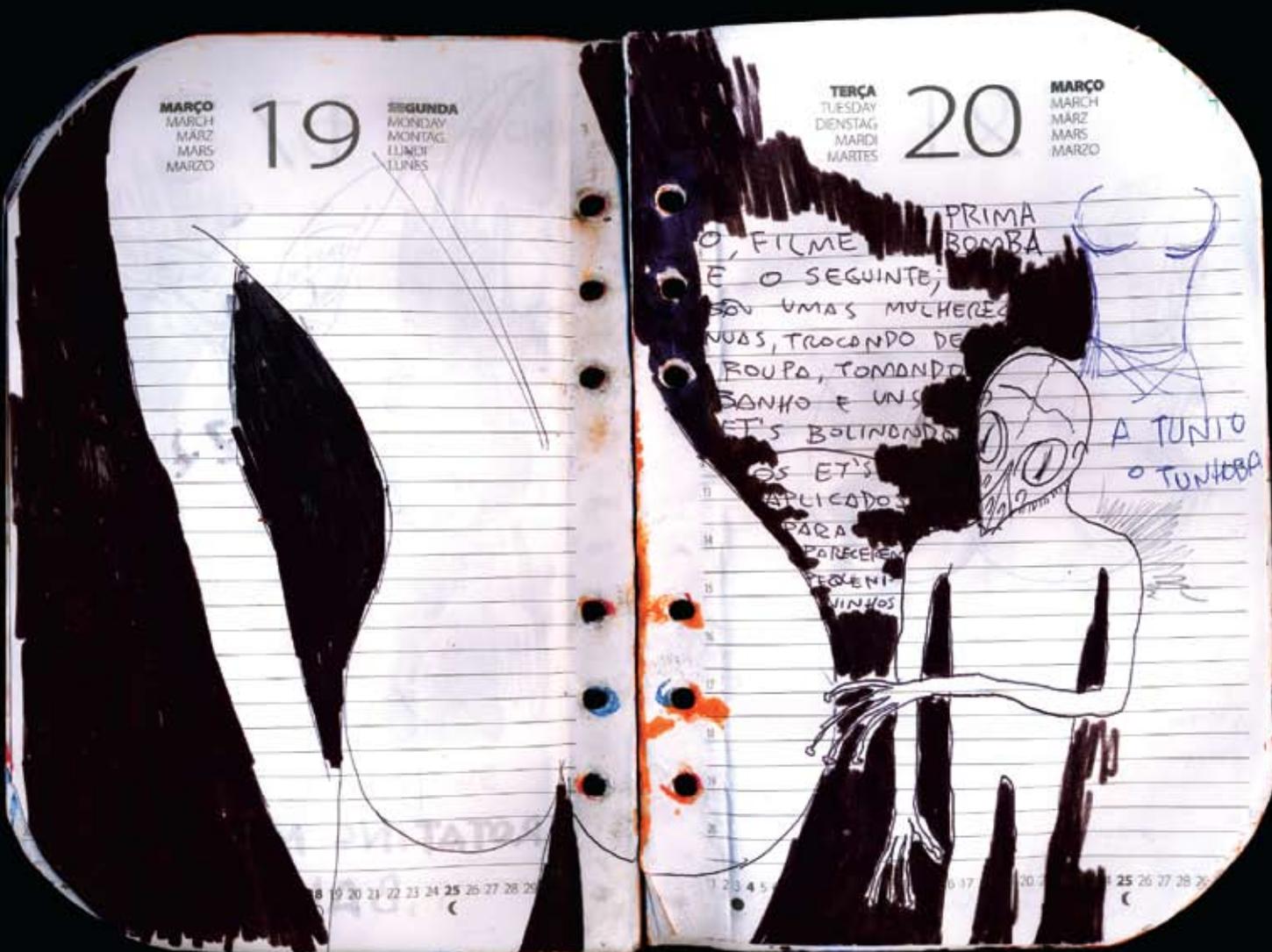
Uma série de medidas intervencionistas deverá promover um modelo de desenvolvimento de menor impacto ambiental. Entre elas, subsídios à agricultura orgânica e a exigência de que as montadoras produzam carros capazes de rodar com menos combustível. Obama também propõe a penalização financeira de indústrias e termoelétricas que extrapolarem certos limites de emissões poluentes – elas terão de comprar créditos daquelas que poluírem abaixo do permitido. “O céu é público – não pertence às empresas”, disse, em um dos discursos da campanha. “Se queremos que elas parem de poluí-lo, temos de estabelecer um preço para a poluição.”

John Podesta, um dos coordenadores da equipe de transição, declarou duas semanas após as eleições que o meio ambiente estava mesmo no topo das prioridades do presidente eleito. “Prevejo que ele vai trabalhar rápida e energeticamente para reduzir a participação do carbono na matriz energética”, afirmou. O difícil, a esta altura, é saber se o desastre financeiro em que o mundo se meteu vai permitir que promessas como esta se realizem.

Os próximos quatro anos prometem ser de emoções fortes, muito fortes, para quem acompanha o tema ambiental. **P22**

**Jornalista especializada em meio ambiente*





Vida de artista

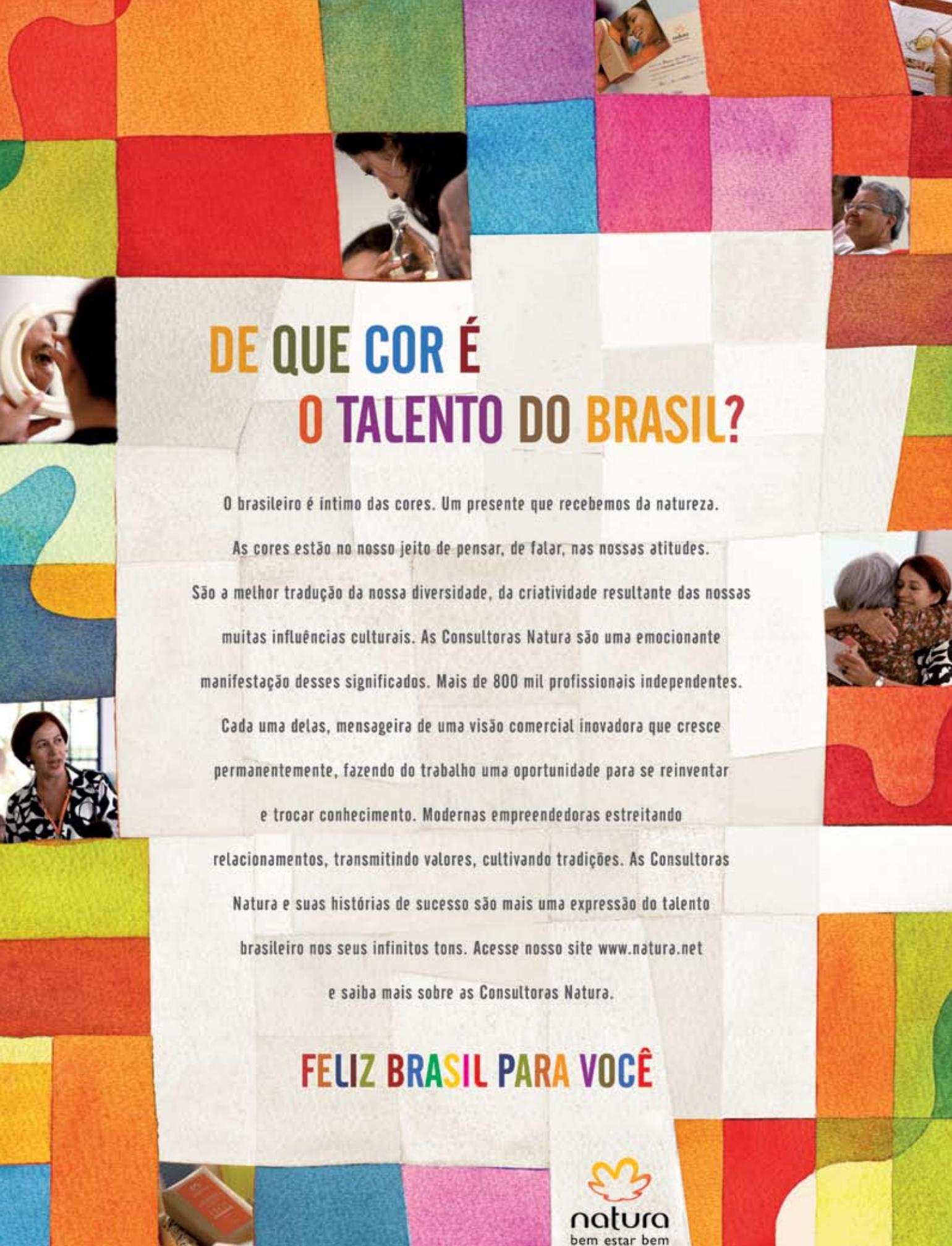
Para o artista plástico Fernando Peres, vida pessoal e trabalho se confundem. Em 2002, transformou sua própria casa, no sítio histórico de Olinda (PE), em centro cultural. Recebia exposições, festas e saraus no espaço de 30 metros quadrados apelidado de "a menor casa de Olinda", transformado também em ponto turístico. Hoje instalado no Recife, Peres mantém um estilo peculiar de desenho, realizando suas obras nas páginas da mesma agenda em que registra suas idéias. Seu trabalho aqui traduz, de forma bem-humorada, os votos de PÁGINA 22: que a sociedade seja capaz de imprimir novas cores e novos traços à sua velha agenda de prioridades. Feliz ano novo! [p22](#)

A CAIXA INVESTE EM
SUSTENTABILIDADE PORQUE
ACREDITA EM UM FUTURO
MELHOR PARA O NOSSO MUNDO.

Imagens do Programa CAIXA Melhores Práticas em Gestão Local



A CAIXA é reconhecida por sua vocação socioambiental. Por isso, desenvolve produtos e serviços que contribuem para a melhoria da qualidade de vida da população, com inclusão social, uso sustentável dos recursos naturais e preservação ambiental. Além de implantar atitudes sustentáveis, a CAIXA também investe em projetos socioambientais. Em 2008, foram mais de R\$ 2,7 bilhões em contratos e aproximadamente 14 milhões de pessoas beneficiadas com projetos de saneamento, retirando das situações de risco as famílias que viviam em locais que não oferecem qualidade de vida e ainda prejudicavam o meio ambiente. Neste ano, R\$ 13 bilhões foram investidos em habitação, garantindo a um milhão de pessoas a tão sonhada casa própria. A CAIXA acredita em um futuro melhor; mas, para isso, é fundamental que cada um de nós faça a sua parte e cuide do que é nosso. **CAIXA. O banco que acredita nas pessoas.**



DE QUE COR É O TALENTO DO BRASIL?

O brasileiro é íntimo das cores. Um presente que recebemos da natureza.

As cores estão no nosso jeito de pensar, de falar, nas nossas atitudes.

São a melhor tradução da nossa diversidade, da criatividade resultante das nossas muitas influências culturais. As Consultoras Natura são uma emocionante manifestação desses significados. Mais de 800 mil profissionais independentes.

Cada uma delas, mensageira de uma visão comercial inovadora que cresce permanentemente, fazendo do trabalho uma oportunidade para se reinventar

e trocar conhecimento. Modernas empreendedoras estreitando relacionamentos, transmitindo valores, cultivando tradições. As Consultoras

Natura e suas histórias de sucesso são mais uma expressão do talento brasileiro nos seus infinitos tons. Acesse nosso site www.natura.net

e saiba mais sobre as Consultoras Natura.

FELIZ BRASIL PARA VOCÊ